



RELATÓRIO FINAL



21ª PARADA DO ORGULHO LGBT de BH.

DEMOCRACIA E
DIREITOS HUMANOS:
ESSE É O BRASIL QUE
QUEREMOS PARA AS LGBT!



RELATÓRIO FINAL DA 21ª PARADA DO ORGULHO LGBT | BELO HORIZONTE | 2018
DIVERSO UFMG | NÚCLEO JURÍDICO DE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

AUTORAS

Maira Cristina Corrêa Fernandes
Gabriela Dantas Rubal

COORDENAÇÃO ACADÊMICA

Pedro Augusto Gravatá Nicoli
Marcelo Maciel Ramos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Sabrina Carozzi Bandeira

FACULDADE DE DIREITO E CIÊNCIAS DO ESTADO DA UFMG

Av. João Pinheiro, 100 – Centro 30.130-180 – Belo Horizonte / MG – Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	02
OBJETIVOS E METODOLOGIA	03
DADOS SOCIOECONÔMICOS	04
FAIXA ETÁRIA	04
ORIGEM DOS PARTICIPANTES	04
IDENTIDADE DE GÊNERO	05
ORIENTAÇÃO SEXUAL	06
RAÇA, COR E ETNIA	07
RENDA FAMILIAR	08
ESCOLARIDADE	09
INSTITUIÇÕES DE ENSINO	10
EMPREGABILIDADE	11
PARTICIPAÇÃO: MOTIVOS E EXPECTATIVAS	13
NECESSIDADES URGENTES	16
POLÍTICA	17
RELIGIÃO	20
FAMÍLIA	22
SAÚDE	24
SAÚDE DA MULHER LÉSBICA	27
EDUCAÇÃO	29
TRABALHO	33
VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA	35
BLOCO TRANS E TRAVESTI	39
SAÚDE	39
EDUCAÇÃO	42
FAMÍLIA	44
TRABALHO	46
VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA	47
CONCLUSÕES	51

Relatório da 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte

PÚBLICO TOTAL: 150.000 PESSOAS (BeloTur/PBH)
AMOSTRAGEM: 432 ENTREVISTADOS

INTRODUÇÃO

Desde 2016, em conjunto com o Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais – CELLOS/MG e em parceria com a Prefeitura de Belo Horizonte, o DIVERSO UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero realiza uma pesquisa anual nas Paradas de Orgulho LGBT da capital mineira, a fim de consolidar uma base de dados acerca das(os) participantes desse evento em relação às suas necessidades e demandas.

Essa iniciativa ressalta o compromisso de todas as organizações e instituições citadas anteriormente para a promoção de um acesso transparente e confiável às informações obtidas no evento. Consideramos de grande importância o alcance destes resultados como instrumento de visibilidade às pautas LGBTs, além de sua contribuição para o fomento de políticas públicas em Belo Horizonte e região no tocante a esta população. Em tempo, gostaríamos também de agradecer às(os) voluntárias(os) que se dedicaram ao projeto.

Este relatório é o resultado da pesquisa realizada na 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, ocorrida em 2018 com o tema “**Mais Democracia e mais Direitos Humanos: esse é o Brasil que queremos para as LGBT**”.

Neste ano, o evento atraiu aproximadamente 150 mil pessoas, de acordo com a estimativa realizada pela Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte (BeloTur). Estes números demonstram um significativo aumento de 87,5% do público do evento quando comparada à edição do ano anterior, que registrou a presença de 80 mil participantes em 2017.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Visando construir o perfil do público das(os) participantes da **21ª Parada do Orgulho LGBT da capital mineira** – sendo estes visitantes ou moradores de Belo Horizonte –, foram coletados dados referentes ao perfil socioeconômico; às reivindicações individuais, coletivas e sociais; às percepções de violência e acolhimento em diversas instituições; à saúde; à inserção no mercado de trabalho; e às convicções políticas das pessoas entrevistadas.

Para a o público estimado de **150 mil pessoas**, foram aplicados **432 questionários** no dia **8 de julho de 2018**, durante a realização do evento em Belo Horizonte. Foi utilizada a técnica de **amostragem aleatória simples**, admitindo um **erro padrão de 5% e um grau de confiabilidade de 95%.**

A aplicação dos questionários foi feita pessoalmente por pesquisadores voluntários do DIVERSO UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero, um programa de extensão da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais. A coordenação geral da pesquisa ficou a cargo do Observatório do Turismo de Belo Horizonte (BeloTur), do DIVERSO UFMG e do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (Cellos/MG).

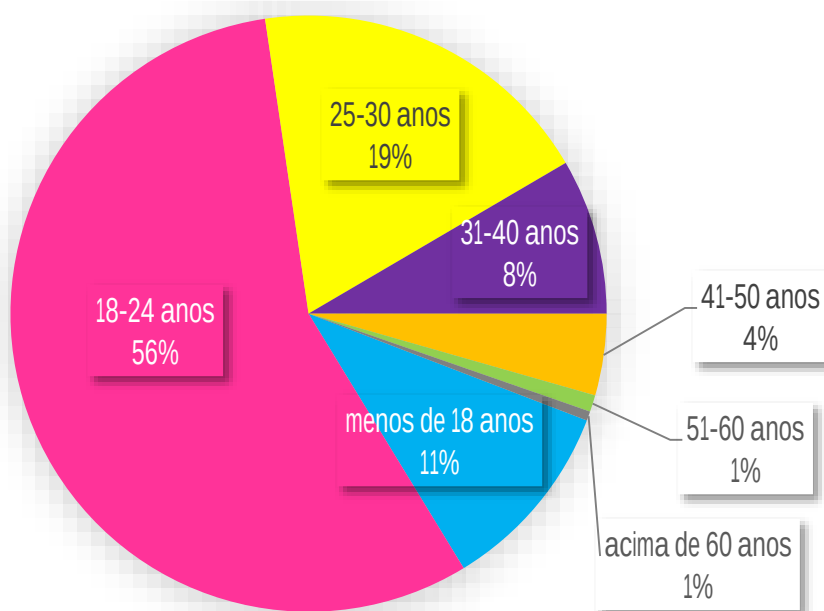
Para análise dos resultados obtidos, formulação de tabelas e cruzamento de dados, foi utilizado o programa **SPSS** (Statistical Package for the Social Sciences), frequentemente empregado em pesquisas na área de Ciências Sociais.

DADOS SOCIOECONÔMICOS

FAIXA ETÁRIA

O público da Parada, de maneira semelhante às edições anteriores, é predominantemente jovem, sendo a média de 24 anos de idade. A maioria das(os) participantes possuem entre 18 a 24 anos (56,1%); 18,8% possuem de 25 a 30 anos; 10,4% possuem idade abaixo de 18 anos; 8,4% possuem de 31 a 40 anos; 4,4% possuem de 41 a 50 anos; 0,9 possuem de 51 a 60 anos e 0,5 possuem idade acima de 60 anos.

perfil de idade 2018

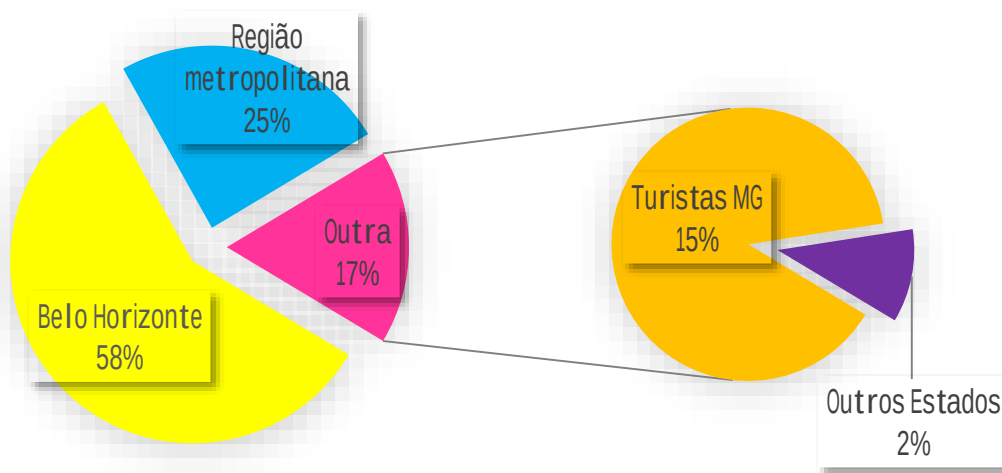


Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

ORIGEM DOS PARTICIPANTES

A maior parte das(os) participantes do evento, assim como nos anos de 2017 e 2016, é de Belo Horizonte (58,3%) e da Região Metropolitana (24,5%), que juntos somam 82,8% do público. Dentre os turistas, 88,95% vieram de outras cidades de Minas Gerais, correspondendo a um aumento de 19,4% se comparada à edição anterior, enquanto 11,05% das(os) entrevistadas(os) vieram de outros Estados.

perfil de origem 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

IDENTIDADE DE GÊNERO

A maioria das(os) participantes da 21ª Parada do Orgulho LGBT se declararam **cisgênero** – pessoas que se **identificam** com o gênero igual ao sexo de nascimento –, registrando 83,6% do total. Dentre essa população, 44,3% se identificaram como sendo do gênero feminino; 55,4% do gênero masculino e 0,3% de outro(s).

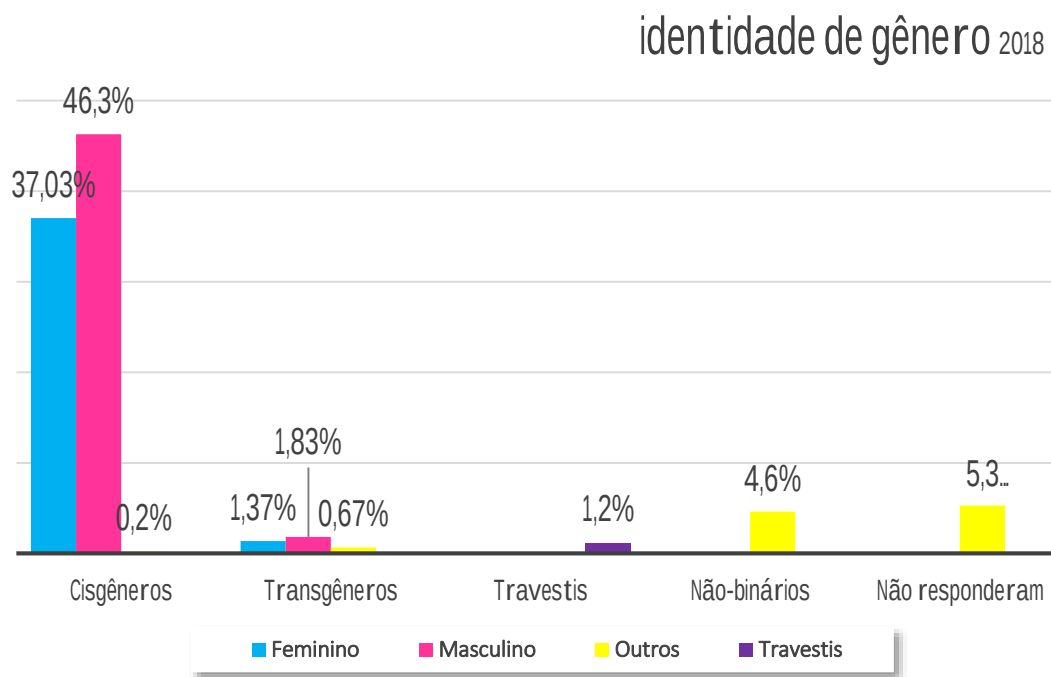
Apenas 3,9% das(os) entrevistadas(os) se declararam como **transgênero** – pessoas que **não se identificam** com o gênero igual ao sexo de nascimento, sendo 47,1% homens trans; 35,3% mulheres trans e 17,3% responderam outros. Na edição anterior, em 2017, a porcentagem de participantes que se identificavam como parte desse grupo era maior, contabilizando 5,2% do total.

Em contrapartida, o número de pessoas que se identificam como **travestis** aumentou em 33% se comparada à edição do ano anterior, totalizando um percentual de 1,2% das(os) entrevistadas(os).

O número de pessoas **não binárias** – indivíduos que **não se identificam** com o padrão binário que divide pessoas entre homens e mulheres – aumentou, em

comparação com o ano de 2017, passando de 2,8% para 4,6% do total de participantes do evento.

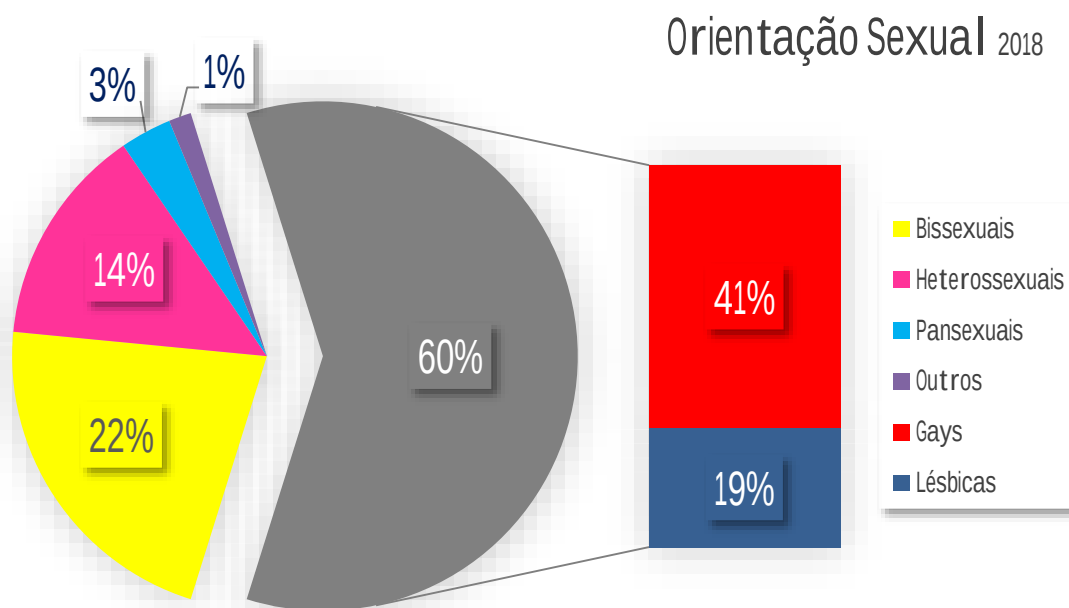
Nesta edição, 0,7% das(os) entrevistadas(os) se declararam como **intersexo** – pessoas que possuem características de ambos os sexos –, enquanto 5,3% não responderam ou não se identificaram com nenhuma categoria.



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Quanto aos dados relacionados à afetividade e sexualidade das(os) participantes da Parada, a maior parte se declarou homossexual (58,6%), sendo que, deste número, 40,3% se identificou como gay e 18,3% como lésbica. Bissexuais registraram 21,3% do total de entrevistadas(os), seguido por heterossexuais (13,7%), pansexuais (3,2%) e outros (1,4%). Somente 1,8% do público não respondeu ou não soube responder a questão.

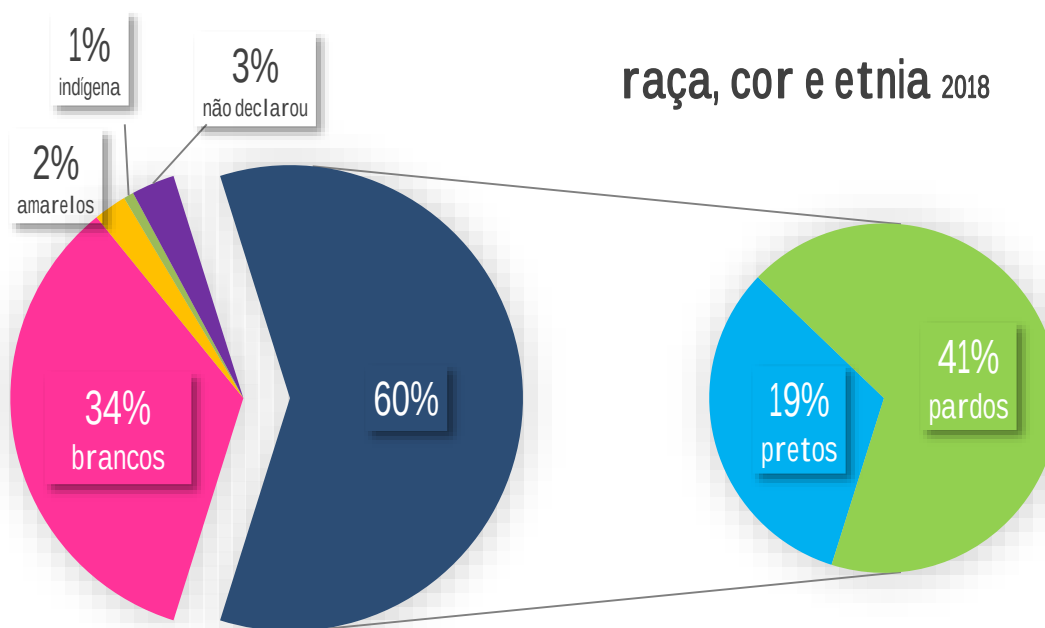


Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Se comparados aos resultados obtidos nas edições anteriores, é possível observar um aumento no público homossexual, que em 2017 somou 52,5% das(os) entrevistadas(os). É notável também um acréscimo no número de pessoas que se declararam gays, que eram 35,3% no ano anterior e de lésbicas, que contabilizaram 17,2% do público em 2017. Em contrapartida, podemos perceber uma diminuição do número de heterossexuais e pansexuais, que eram, na edição anterior, respectivamente, 18,6% e 4,9%.

RAÇA, COR E ETNIA

A maior parte das(os) participantes (59,7%) da 21ª Parada do Orgulho LGBT declarou sua cor ou raça como **negra**, englobando **pardos** (40,4%) e **pretos** (19,3%). A população autodeclarada branca somou 34,3% do total. Foram contabilizados também 2,3% de pessoas da cor ou raça amarela e 0,7 % de indígenas. Somente 3% das pessoas preferiram não declarar sua cor ou raça.



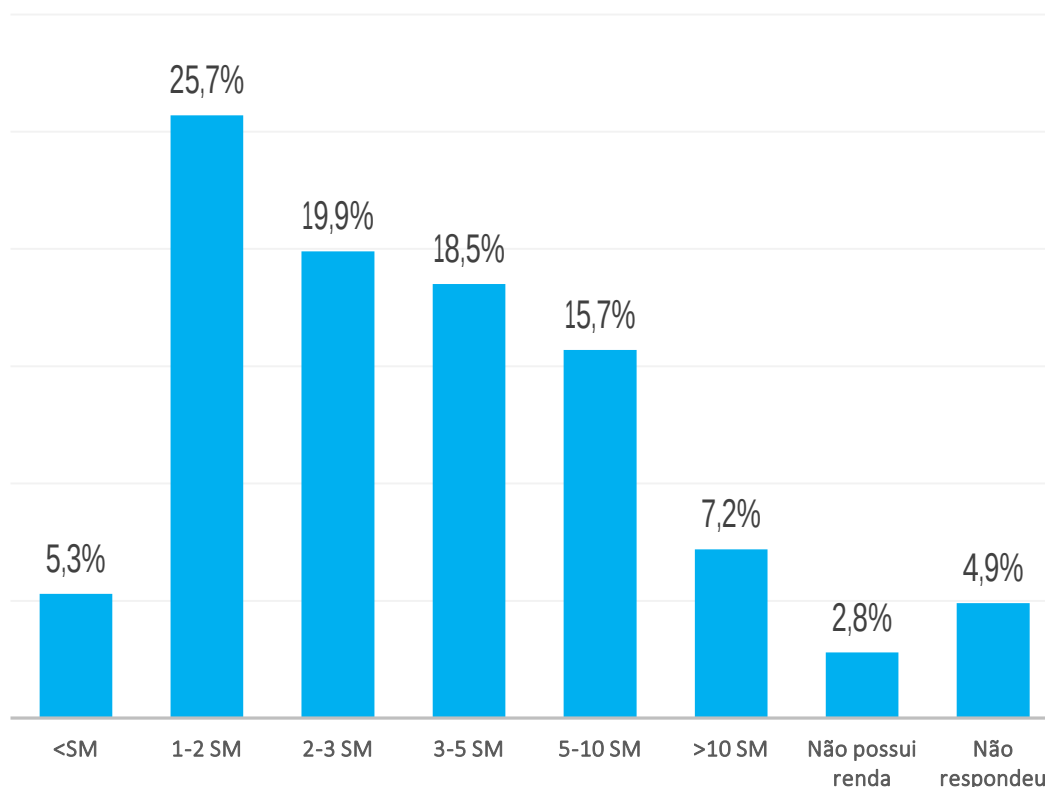
Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Os números obtidos na pesquisa deste ano se assemelharam em muito ao resultado da edição anterior, sendo notáveis pequenas mudanças. Em 2017, 39,3% das(os) entrevistadas(os) se declararam brancos, 35,8% pardos, 18,6% pretos, 2,8% de cor ou raça amarela, 0,5% indígenas e 3,1% não quiseram responder. É possível perceber uma diminuição de 12,72% de pessoas brancas e de 36% de pessoas de raça ou cor amarela, indígenas e não declarados. Por outro lado, houve um aumento de 3,76% de participantes autodeclarados pretos e 12,8% de pessoas pardas.

RENDIA FAMILIAR

Na Parada de 2018, 69,4% das(os) entrevistadas(os) disseram possuir renda familiar mensal de até 5 salários mínimos, considerando o valor de um salário como R\$954,00. Dentro deste número, 5,3% de participantes declararam possuir renda familiar menor que 1 salário mínimo; 25,7% declararam possuir a renda familiar de 1 a 2 salários mínimos; 19,9% disseram possuir renda de 2 a 3 salários mínimos e 18,5% afirmaram possuir de 3 a 5 salários mínimos como renda mensal. Um total de 15,7% entrevistadas(os) disseram possuir renda familiar mensal de 5 a 10 salários mínimos, enquanto 7,2% declararam ter renda maior que 10 salários mínimos. Noutro lado, a quantidade de pessoas que declararam não possuir renda familiar foi de 2,8%, enquanto 4,9% optaram por não responder esta pergunta.

Renda 2018



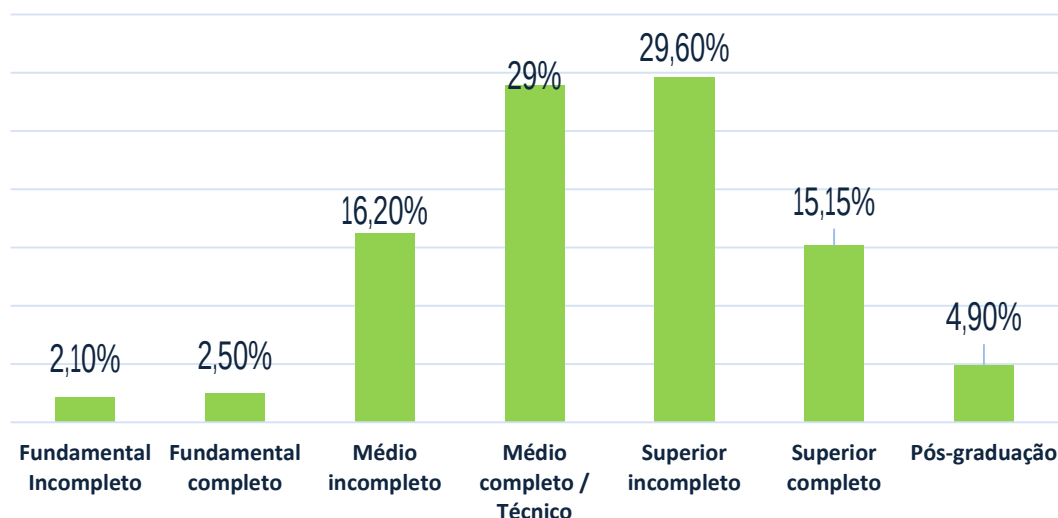
Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Em comparação aos números obtidos na edição anterior, é possível observar que a grande parte das porcentagens se manteve semelhante, com poucas mudanças perceptíveis. A maior delas foi o surgimento de uma parcela de participantes do evento que afirmaram não possuir renda familiar mensal, diferentemente do ocorrido em 2017, quando este percentual foi nulo.

ESCOLARIDADE

A maioria das(os) participantes da 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte possuem nível superior incompleto, contabilizando um total de 29,6%. Entre o público entrevistado, 28,9% possui ensino médio completo ou ensino técnico; 16,2% possui o ensino médio incompleto e 15,5% possui o ensino superior completo. Em contrapartida, os menores índices registrados foram relativos à pós-graduação (4,9%), ao fundamental completo (2,5%) e ao fundamental incompleto (2,1%). Por fim, 0,3% não quiseram responder essa questão.

Escolaridade 2018



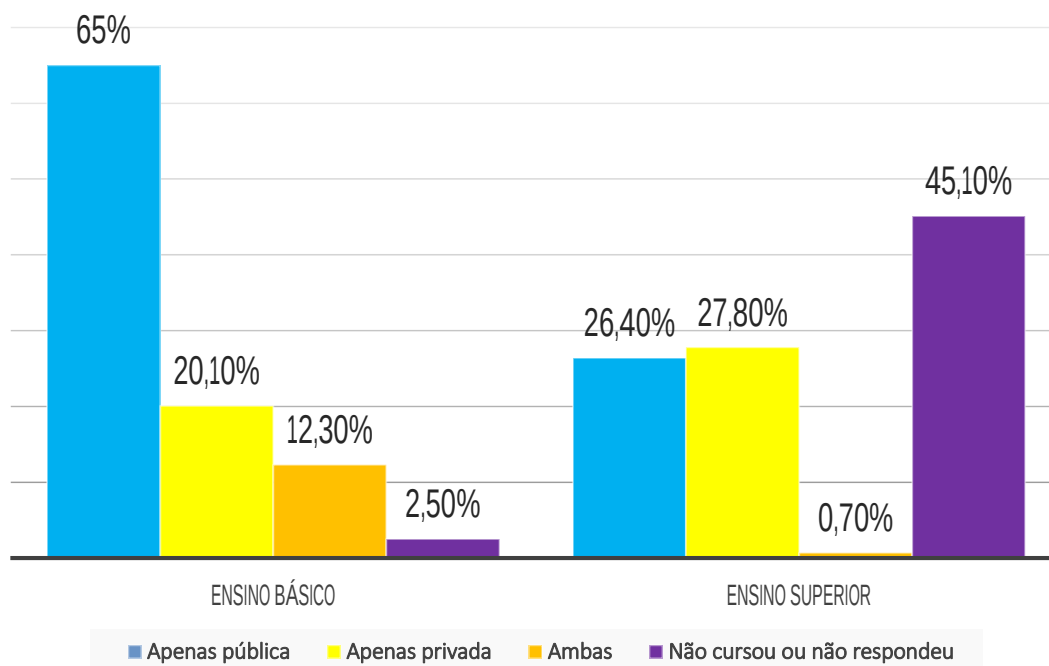
Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Quando comparados à edição de 2017, os resultados gerais, apesar de similares, apresentam variações. Em 2018, houve um aumento de 15,6% de pessoas com ensino médio ou técnico completo; de 75% de entrevistadas(os) com ensino fundamental incompleto e 79% de participantes com ensino fundamental completo. Em contrapartida, foi observada a diminuição dos números de pessoas com ensino superior incompleto em 7%; de entrevistadas(os) com pós-graduação em 33%; e de participantes com ensino superior completo em 14%.

INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Em 2018, 65% do público entrevistado no evento cursou ou cursa o ensino básico apenas em escolas públicas, enquanto 20,1% estudou ou estuda em instituições particulares. As pessoas que estudaram em ambos tipos de instituições de ensino contabilizaram um total de 12,3% e 2,5% não respondeu. Estes números, se confrontados com aqueles obtidos em 2017, apresentaram um aumento de 10% em pessoas que frequentaram ou frequentam o ensino básico em escolas públicas e diminuição em 20,9% em relação àqueles que cursaram ou cursam o ensino básico em instituições privadas e em 12,8% nos participantes que estudam ou estudaram em ambos tipos de escolas.

INSTITUIÇÕES DE ENSINO 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Quanto ao ensino superior, 27,8% das(os) entrevistadas(os) responderam que estudam ou estudaram apenas em instituições privadas. Aqueles que cursam ou cursaram o ensino superior apenas em universidades públicas somaram 26,4% e apenas 0,7% afirmou estudar ou ter estudado em ambas instituições. O número de participantes que não cursou o ensino superior ou não responderam essa pergunta contabilizaram um total de 45,1%. Ao comparar as porcentagens coletadas neste ano com a edição anterior, nota-se um aumento de 12% das(os) participantes que cursam ou cursaram o ensino superior em instituições públicas. Por outro lado, verificam-se diminuições nos números de pessoas que estudaram ou estudam em universidades privadas em 5,4% e que frequentaram ou frequentam ambas instituições públicas e particulares em 80%.

EMPREGABILIDADE

No tocante à análise da ocupação atual das(os) entrevistadas(os) na 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, 47,2% afirmaram trabalhar, sendo 26,2% assalariadas(os) com carteira de trabalho; 6,7% por conta própria regular; 5,3% profissionais liberais; 5,1% assalariadas(os) sem carteira de trabalho e 3,9% funcionários públicos. Outros 27,1% são estudantes, 12% estão desempregados, 11,2% responderam “outros” e 2,5% não quiseram responder a pergunta.

Por fim, os principais setores econômicos que empregam os participantes são os de serviços (30,1%), de comércio (13,6%) e de indústria (4,7%).

TRABALHO E EMPREGABILIDADE 2018



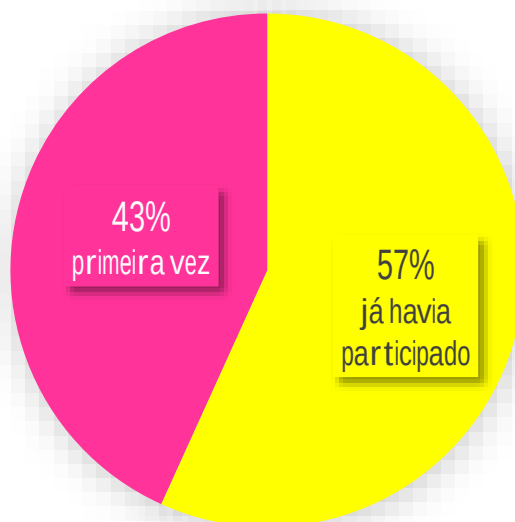
Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Ao examinar os resultados colhidos em 2017 e compará-los com os de 2018, observa-se uma significativa diminuição da quantidade de estudantes em 21%, e o aumento da porcentagem de desempregados e de pessoas que trabalham de forma regular por conta própria em 25% e 24%, respectivamente.

PARTICIPAÇÃO: MOTIVOS E EXPECTATIVAS

A grande maioria do público entrevistado presente na 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte (55,3%) já havia participado de edições anteriores do evento. Em contrapartida, 42,1% participaram pela primeira vez e 2,5% não responderam à pergunta.

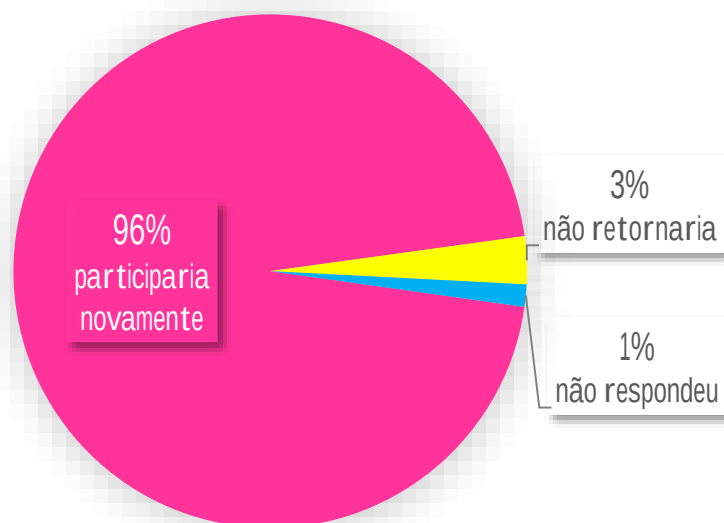
Participação 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Quando perguntados se pretendiam participar de edições futuras da Parada, 95,6% das(os) entrevistadas(os) responderam que **sim**. Apenas 3% disseram que não gostariam de participar novamente e 1,4% deixaram a questão em branco.

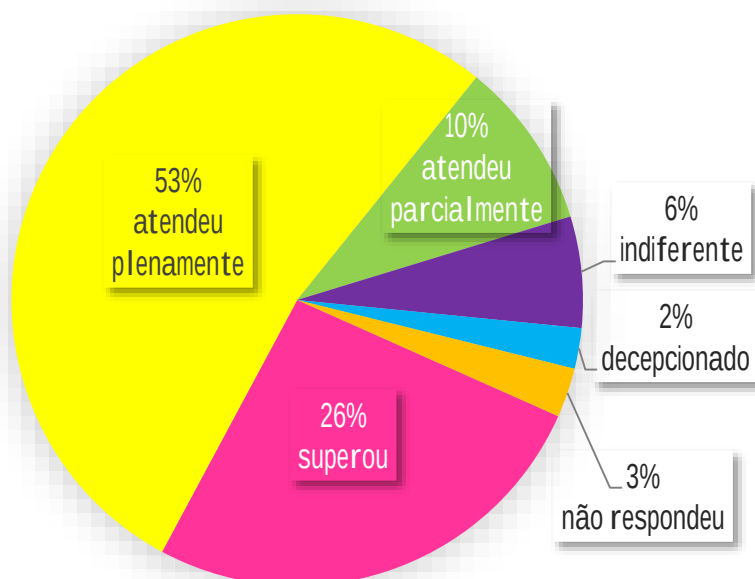
Retorno 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Mais da metade das(os) participantes (79,2%) afirmaram que a Parada superou (26,2%) ou atendeu plenamente (53%) as suas expectativas. Por sua vez, 9,5% do público disse que o evento os atendeu em parte; 6,3% afirmaram estarem indiferentes; 2,3% relataram terem se decepcionado; e 2,8% não quiseram responder.

EXPECTATIVAS DA 21ª PARADA LGBT

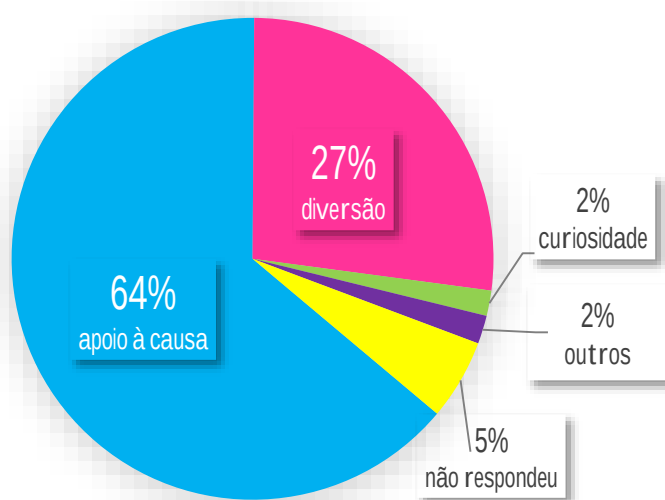


Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Ao serem questionados sobre a representatividade do evento, 78,7% do público entrevistado relatou se sentir representado pela Parada. Apenas 2,5% afirmaram não se sentirem representados, enquanto 6,9% disseram sentir-se parcialmente representados. Já 11,8% não sabem ou não responderam à pergunta.

As(os) entrevistadas(os) responderam perguntas sobre os motivos da sua participação na 21ª Parada do Orgulho LGBT da capital mineira. A maior parte afirmou ter ido ao evento em apoio à causa LGBT (64%); 27% disseram ter ido ao local em busca de diversão; 1,7% foram ao evento por curiosidade; 1,9% responderam “outros”; e 5,4% deixaram em branco a questão.

Motivação 2018

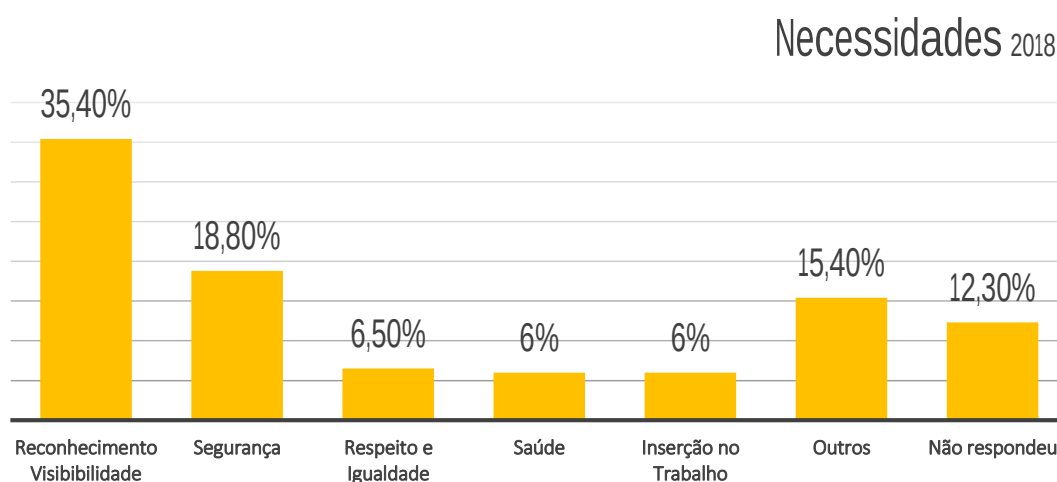


Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Em relação aos dados obtidos na edição anterior da Parada, é possível perceber um aumento de 43,8% do número de pessoas que foram ao evento em apoio à causa LGBT. A quantidade de participantes em busca de diversão também aumentou em 28,6% nesse mesmo intervalo de tempo.

NECESSIDADES URGENTES

Para as(os) entrevistadas(os), o maior reconhecimento e visibilidade destaca-se entre as necessidades mais urgentes para a população LGBT, somando 35,4% das respostas; seguida da promoção de segurança, com 18,8%. Foram citados também respeito e igualdade (6,5%); promoção de saúde para o público LGBT (5,8%); inserção efetiva no mercado de trabalho (5,8%) e outros (15,4%). Dentre as(os) participantes, 12,3% não quiseram responder essa questão.



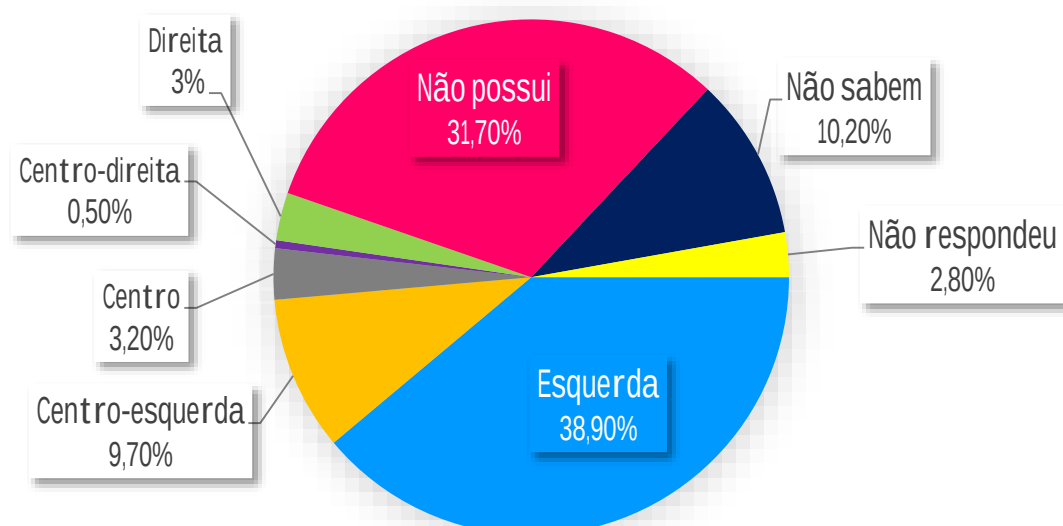
Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Não houve mudanças significativas nos resultados do evento anterior, quando comparados à edição de 2018. Em 2017, o público da Parada também considerou o reconhecimento e a visibilidade LGBT, bem como a promoção da sua segurança como necessidades prioritárias.

POLÍTICA

Grande parte do público entrevistado no evento, quando perguntados sobre o seu posicionamento político, declarou ser de esquerda (38,9%). As(os) participantes que afirmaram não possuir um posicionamento somaram 31,7%; seguidos de 10,2% que disseram não saber; 9,7% de centro-esquerda; 3,2% de centro; 3% de direita; 0,5% de centro-direita; e 2,8% deixaram a questão em branco.

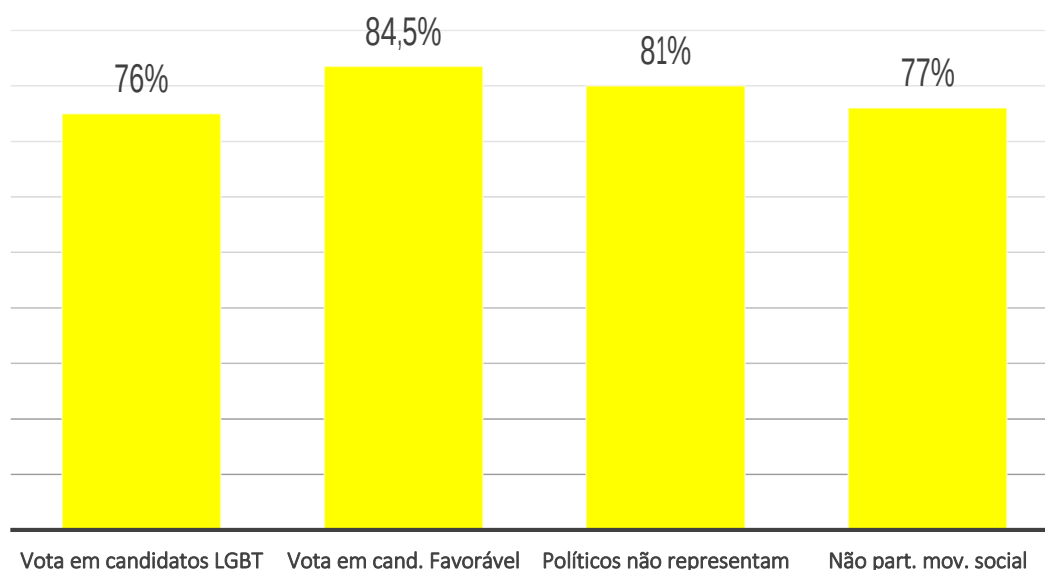
posicionamento Político 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

A maioria das(os) participantes (75,7%) disse votar em candidatas(os) pertencentes à população LGBT. Por sua vez, 84,5% do público entrevistado afirmou votar em candidatas(os) que fazem propostas em favor desse grupo. Ao serem indagados sobre a representação política, 81% acreditam que os políticos não representam as pessoas LGBTs.

política 2018

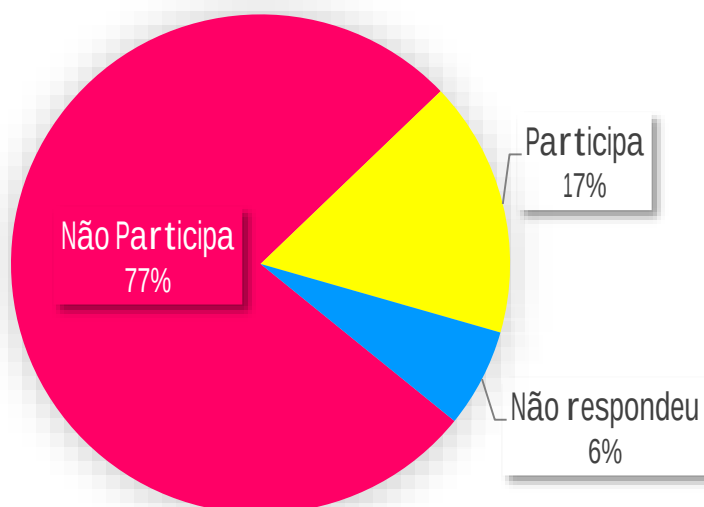


Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Ao compararmos os dados obtidos em 2018 com a edição anterior, é possível perceber que houve aumento nos números de participantes que afirmaram votar em candidatas(os) pertencentes à população LGBT, em 26,2%; e votar em candidatas(os) que fazem propostas em favor desse grupo, em 12%. A quantidade de pessoas entrevistadas que disseram que os políticos não representam as pessoas LGBTs também aumentou em 12% em relação ao ano de 2017.

Por fim, as(os) entrevistadas(os) foram perguntadas(os) se faziam parte de algum movimento social, político ou grupo LGBT. Apenas 16,6% das(os) participantes responderam fazer parte, enquanto 77% disseram que não e 6,4% não quiseram responder.

Participação em Movimento social 2018



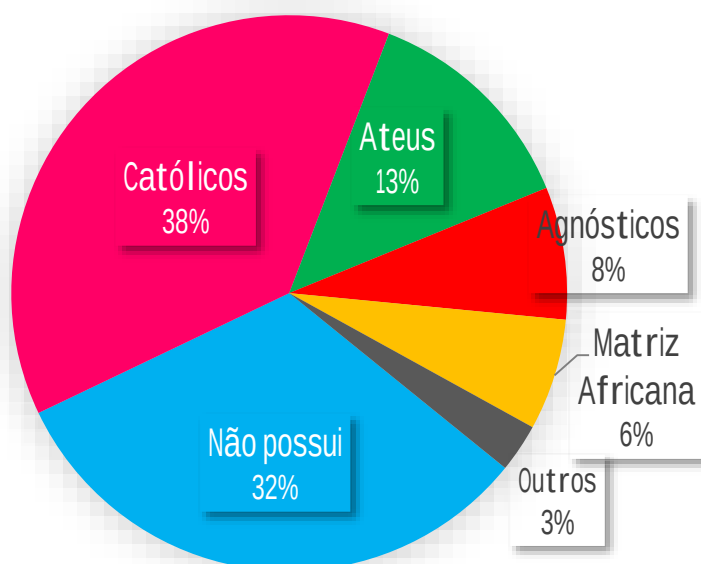
Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

RELIGIÃO

DAS(OS) PARTICIPANTES

Diferentemente da edição de 2017, em que a maioria das(os) entrevistadas(os) declararam não possuir religião, na 21ª Parada de Orgulho LGBT de Belo Horizonte 31% das(os) participantes declararam-se católicos. A porcentagem daqueles que declararam não possuir religião somou 26,2%, enquanto 10,6% afirmaram ser ateus. Com frequências menores, temos os agnósticos (6,3%), as religiões de matrizes africanas (5,3%) e outras (2,3%). Apenas 0,9% não quiseram ou não souberam responder a pergunta.

Religião 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

A partir da análise dos dados colhidos, podemos constatar que grande parte das pessoas presentes no evento possuem expressão religiosa, assim como nas edições anteriores de 2017 e 2016.

DA FAMÍLIA

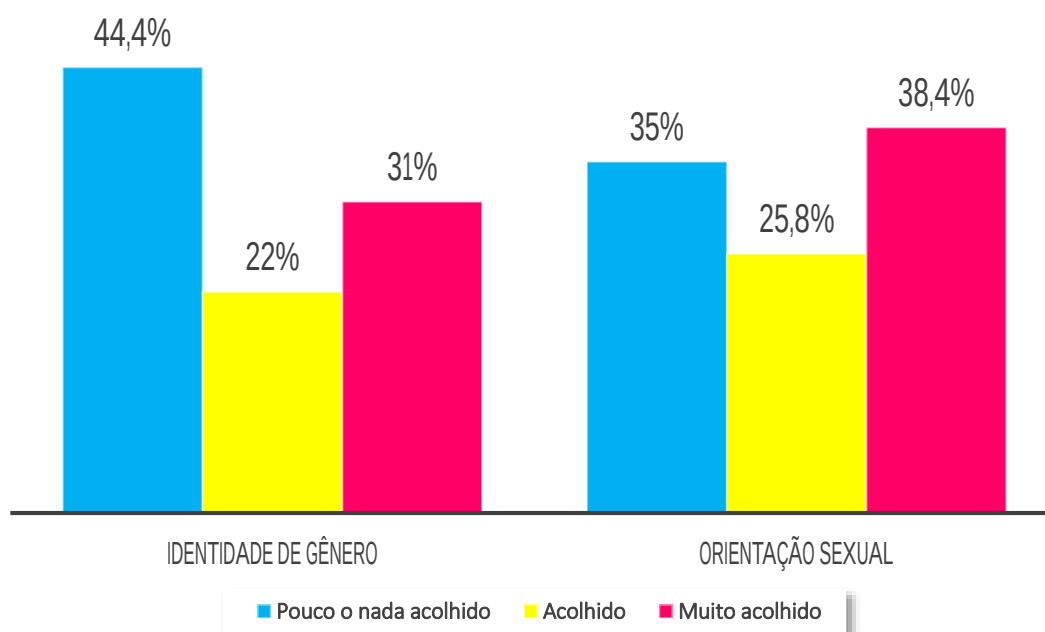
Em relação à religião do núcleo familiar ao qual pertencem, 56% do público entrevistado declarou que seus familiares são católicos, seguidos de 21,8% de evangélicos; 6,3% ateus; 4,9% espíritas e 1,9% de matrizes africanas. No total,

8,1% responderam “outros” e apenas 1,2% deixaram a questão em branco. Os números obtidos em 2018 mantiveram-se muito semelhantes àqueles registrados na edição anterior da Parada.

FAMÍLIA

Sobre a relação com a família, 35,1% das(os) participantes com **orientações sexuais dissidentes**¹ – assexuais, bissexuais, gays, lésbicas, pansexuais, outros (fluida) –, relataram se sentir nada acolhidas(os) ou pouco acolhidas(os) pelos seus familiares; 25,8% disseram se sentir acolhidas(os); 38,4% afirmaram sentir-se muito acolhidas(os); e 0,5% não responderam. No tocante à **identidade de gênero** – intersexos, não binários, trans e travestis –, 44,4% relataram se sentir pouco ou nada acolhidas(os) em sua família; 22,2% se sentem acolhidas(os) e 31,1% se sentem muito acolhidas(os).

acolhimento na família 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Ao serem questionados sobre violência causada pela sua identidade de gênero ou orientação sexual no ambiente familiar², 45,2% das pessoas que participaram da pesquisa responderam que já **sofreram** atitudes violentas na família. Enquanto que 43,5% disseram que já **presenciaram** alguma violência por parte dos familiares.

1 Ao usarmos o termo “orientações sexuais dissidentes” nos referimos a lésbicas, bissexuais, gays, pansexuais, androssexuais e assexuais.

2 Nas perguntas relacionadas aos tipos de violências sofridas e presenciadas, havia a possibilidade da(o) entrevistada(o) marcar mais de uma opção. Com isso, levamos em consideração as porcentagens relativas àquelas(es) que responderam cada tipo de violência.

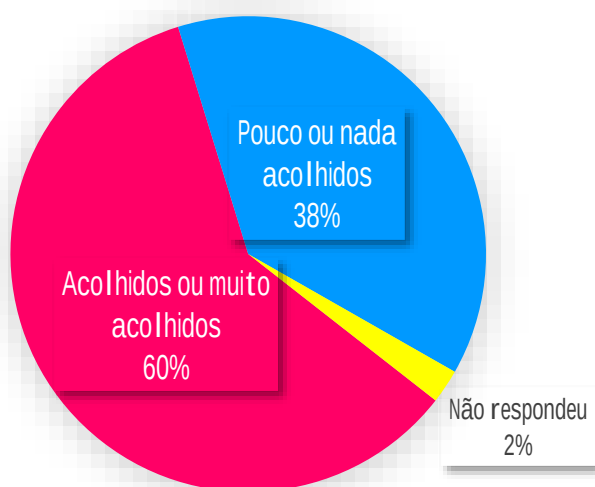
O tipo de violência mais sofrida neste ambiente é a verbal, com 33,1% de respostas. Em seguida, foram registradas as violências de cunho psicológica (28,2%), ameaça (12,8%), física (10,7%) e sexual (2,4%). Em relação aos tipos de violência presenciadas, a verbal obteve mais respostas, com 31,5%, seguida pela psicológica (25,3%), física (18,6%), ameaça (14,1%) e sexual (4,5%).

A partir da análise dos dados sobre violência familiar, observa-se que pessoas não cisgêneras, como transexuais e travestis, estão mais sujeitas(os) a sofrerem violência verbal, psicológica e física no ambiente familiar sendo as porcentagens, respectivamente, das(os) participantes que afirmaram já ter sofrido essas violências de 30,4%; 23,9% e 21,7%. Por sua vez, lésbicas, bissexuais, gays, pansexuais, assexuais e outros (fluida), segundo o estudo, estão mais sujeitas(os) a sofrerem violências verbal, com 21,3% de participantes da entrevista afirmando já ter sofrido esse tipo de violência, seguida de violência psicológica (18,5%).

SAÚDE

Segundo dados da pesquisa, 59,5% das(os) participantes afirmaram se sentir acolhidas(os) e muito acolhidas(os) nos postos de saúde e hospitais. A porcentagem daquelas pessoas que afirmaram terem sido pouco ou nada acolhidas(os) corresponde a 37,9%. Apenas 2,3% das(os) participantes não responderam.

Acolhimento na Saúde 2018

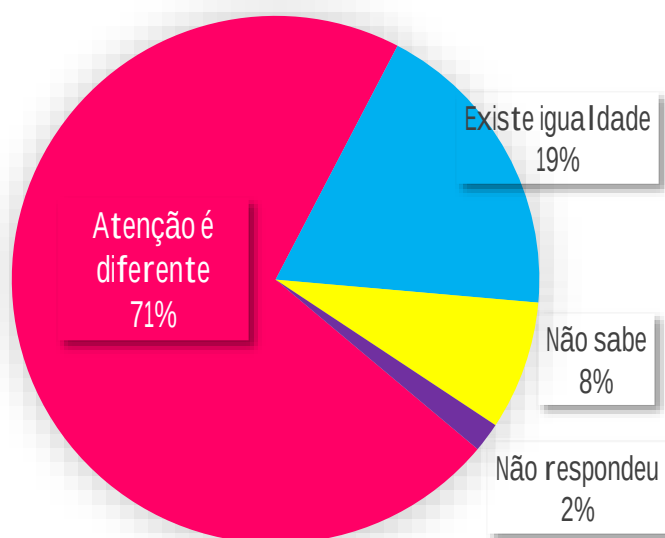


Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Entretanto, ao analisar as respostas das(os) entrevistadas(os) sobre a igualdade no atendimento em postos de saúde e hospitais, 71,4% responderam que acreditam que a atenção dispensada a uma pessoa LGBT é diferente daquela dada a uma pessoa não LGBT. Já 18,7% das pessoas acreditam que existe igualdade no tratamento; 7,9% responderam “não sei” e 1,8% não responderam. Pode-se perceber, desse modo, que a maioria dos participantes da Parada observa no sistema de saúde a existência de **diferenças no tratamento de pessoas com sexualidades e identidades de gênero dissidentes**³.

³ Como assexuais, bissexuais, gays, lésbicas, pansexuais, outros (fluida) e intersexos, não binários, trans e travestis.

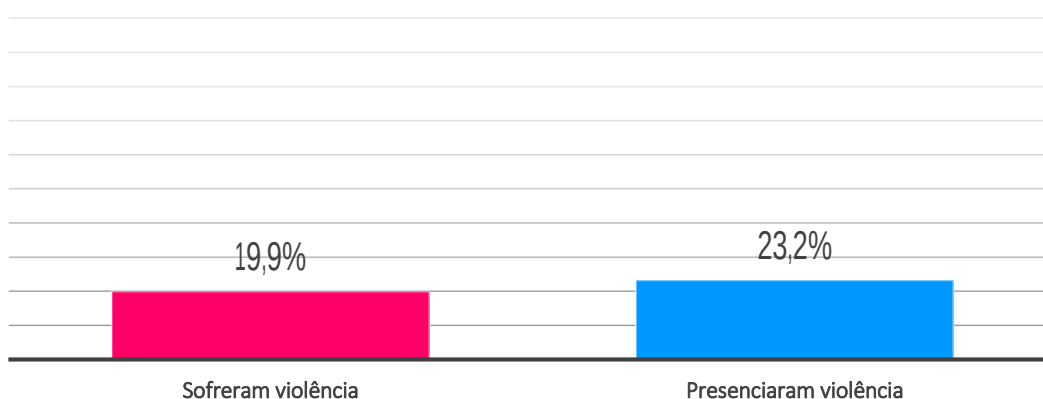
Atendimento na Saúde 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Dos dados analisados em relação às violências ocorridas em postos de saúde e hospitais, motivadas pela sua identidade de gênero ou orientação sexual, 19,9% das(os) entrevistadas(os) afirmaram terem **sofrido** e 23,2% terem **presenciado** violência nesses espaços.

violência na saúde 2018

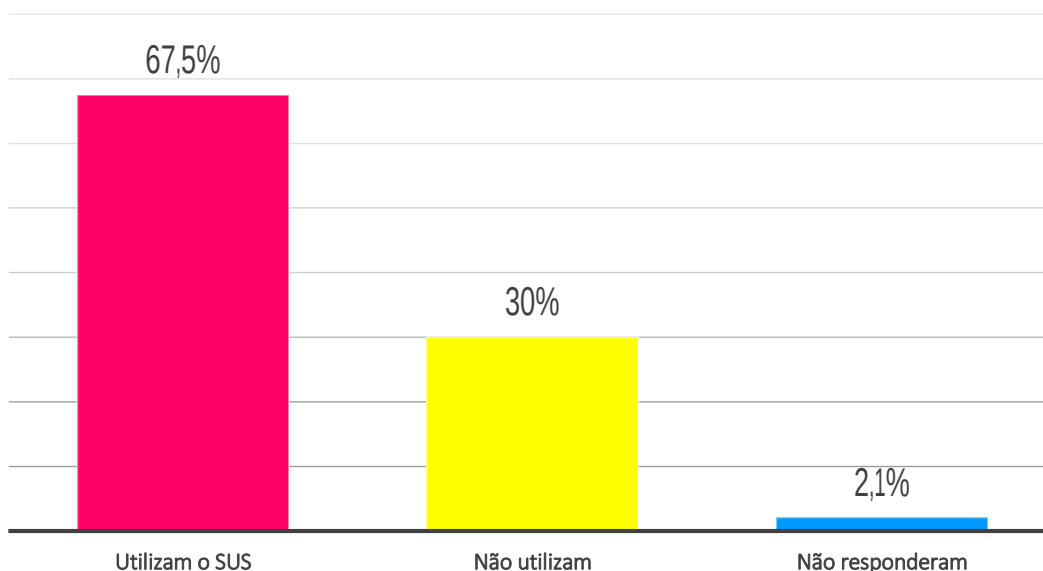


Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Ao verificarmos os dados relativos à utilização do Sistema Único de Saúde – SUS, 67,5% das(os) entrevistadas(os) responderam que utilizam esse serviço, enquanto 30% afirmaram não usá-lo e 2,1% não responderam. Em relação aos

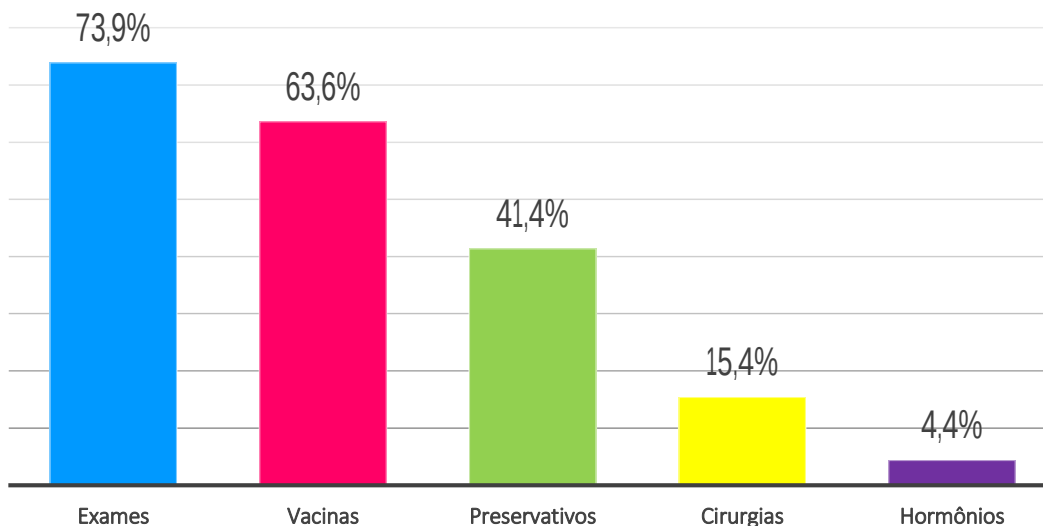
serviços buscados no SUS, a realização de exames é o mais utilizado por participantes, correspondendo a 73,9% das respostas. A segunda maior procura é por vacinas, 63,6% do total. E demais como preservativos (41,4%), cirurgias (15,4%) e hormônios (4,4%).

utilização do sus 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

serviços do sus mais usados 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

SAÚDE DA MULHER LÉSBICA

O cuidado com a saúde da mulher lésbica é, por vezes, negligenciado tanto pela sociedade quanto pelos profissionais da área. Apesar de 50,6% das lésbicas entrevistadas na 21ª Parada LGBT de Belo Horizonte se sentirem acolhidas ou muito acolhidas pelos postos de saúde e hospitais, 77,2% afirmaram considerar que o tratamento dispensando a uma pessoa LGBT em um atendimento médico é diferente daquele dado a pessoas não LGBTs.

Questões de gênero e sexualidade não costumam ser pautadas durante a formação do profissional em saúde. Possuímos uma medicina que parte do pressuposto de que a vida sexual de todas as mulheres é heterossexual e voltada à reprodução, ignorando aquelas mulheres que fazem sexo com outras mulheres.

Existem grandes desafios a serem enfrentados no atendimento médico a mulheres lésbicas e bissexuais: as dificuldades na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, o medo do constrangimento durante a consulta e a negligência dos profissionais da área. Há um discurso equivocado, e dito muito frequentemente pelos profissionais de saúde, de que mulheres lésbicas e bissexuais não contraem DSTs nem têm chances de desenvolver cânceres de mama e de colo de útero, o que certamente não é verdade. A falta de métodos preservativos para o sexo seguro entre mulheres também é outro problema que dificulta a prevenção dessas doenças e é ignorado pela medicina. Lésbicas e bissexuais ficam à mercê de métodos caseiros e improvisados, que não possuem eficiência alguma, como o uso de filme plástico ou camisinhas masculinas recortadas nos dedos (prática comum e nada segura).

O despreparo dos profissionais da saúde reflete-se em um atendimento falho às demandas das mulheres lésbicas e bissexuais. São frequentes os relatos de mulheres que vão a ginecologistas que não realizam todos os exames que devem ser feitos nas consultas médicas, como aqueles de toque ou papanicolau, por exemplo, e que não pedem a realização de procedimentos preventivos a doenças pelo fato dessas pacientes serem lésbicas ou bissexuais.

Outro problema é o constrangimento e o medo que essas mulheres enfrentam nas consultas ao assumirem sua sexualidade e buscarem informações. Quase metade das lésbicas (41%) entrevistadas no evento respondeu já ter sofrido ou presenciado algum tipo de violência em postos de saúde e hospitais devido à sua identidade de gênero ou orientação sexual (lesbofobia).

O Ministério da Saúde lançou, no final de 2015, uma campanha⁴ sobre a saúde de mulheres lésbicas e bissexuais, em conjunto com outras políticas públicas de

4 Campanha “Cuidar bem da saúde de todas. Faz bem para as Mulheres Lésbicas e Bissexuais. Faz bem para o Brasil”, veiculada pelo Ministério da Saúde em 2015.

atenção integral à saúde da mulher e à população LGBT. O objetivo dessa campanha, segundo o próprio ministério, é “sensibilizar os trabalhadores e profissionais de saúde, e oferecer subsídios para um acolhimento e atendimento qualificado e humanizado às mulheres lésbicas e bissexuais, considerando as necessidades específicas desta população”. Contudo, houveram poucas mudanças na situação vivenciada por mulheres lésbicas e bissexuais no que toca a sua visibilidade na saúde e no seu atendimento adequado. Ainda há um longo caminho a percorrer na busca por políticas públicas eficazes e por uma medicina que enxergue as demandas desta população.

EDUCAÇÃO

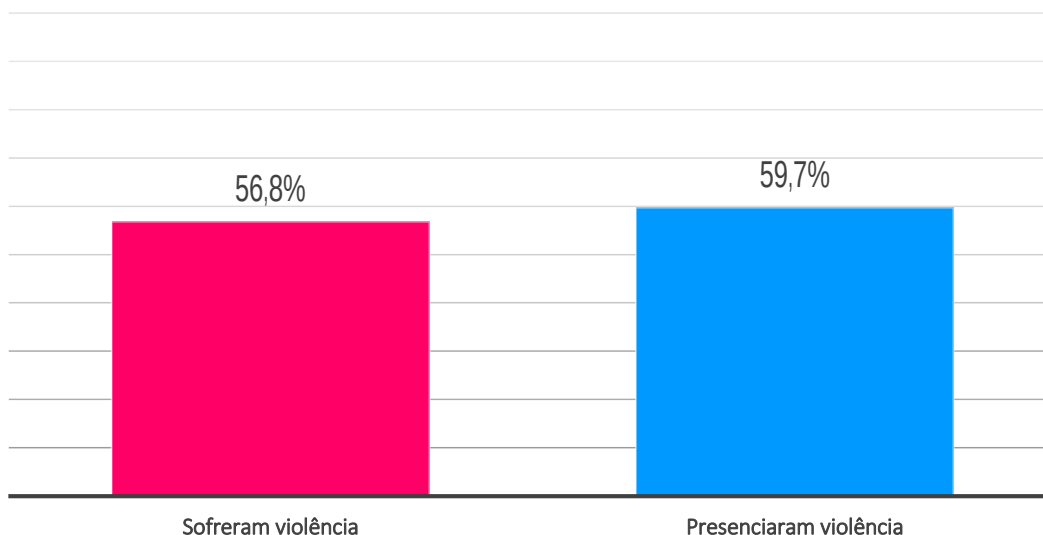
As variadas formas de discriminação presentes no sistema educacional criam e perpetuam desigualdades na nossa sociedade. Cerca de 52% das pessoas brancas entrevistadas cursaram ou estão cursando o ensino superior, enquanto a porcentagem das(os) participantes autodeclaradas(os) pretos, pardos, indígenas e amarelos, nessa resposta, foi de 38,5%. Já 6% das pessoas brancas disseram ter cursado pós-graduação, ao passo que apenas 3,8% das(os) participantes autodeclarados pretos, pardos, indígenas ou amarelos responderam da mesma forma. Entre as pessoas trans e travestis, 18,1% responderam ter cursado ou estarem cursando o ensino superior, enquanto 45,4% das(os) participantes cisgêneros responderam de forma similar.

Quando perguntadas(os) a respeito do acolhimento escolar, 38,6% do total de pessoas entrevistadas disseram sentir-se pouco ou nada acolhidas na escola; 43,2% sentem-se acolhidas; 15,5% responderam se sentirem muito acolhidas; e 2,5% não responderam a questão. Ainda de acordo com os dados coletados nos questionários, transexuais, travestis, intersexos e não binários são menos acolhidas(os) no ambiente escolar, sendo que 50% dessas pessoas entrevistadas afirmaram se sentirem pouco ou nada acolhidas na escola. Entre as lésbicas, gays, bissexuais, assexuais, pansexuais e outros (fluido), esses números também variam: 40,7% sentem-se pouco ou nada acolhidas(os); 42,6% sentem-se acolhidas(os); 15,8% sentem-se muito acolhidas(os); e 0,5% não responderam a pergunta. No tocante às pessoas negras, indígenas e amarelas, 44,8% responderam se sentirem acolhidas(os); 15,9% muito acolhidas. Já 37,4% afirmaram se sentirem pouco ou nada acolhidas(os).

Em relação à universidade, 15% afirmaram que se sentem pouco ou nada acolhidas(os) nesse ambiente, enquanto 32,5% disseram sentir-se acolhidas(os); 21,5% sentem-se muito acolhidas(os); e 30,7% não responderam. Entre as pessoas negras, indígenas e amarelas, 15,1% dessas(es) entrevistadas(os) afirmaram se sentir pouco ou nada acolhidas(os) na faculdade; enquanto que 18,5% disseram sentir-se muito acolhidas(os) e 31,1% afirmaram se sentir acolhidas(os). Travestis, transexuais, intersexos e não binários também apresentam variação no acolhimento universitário: 15,1% disseram sentir-se pouco ou nada acolhidas(os); 26% sentem-se acolhidas(os); e 21,7% disseram se sentir muito acolhidas(os). Entre as lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais e assexuais entrevistadas(os) na Parada, 14,4% responderam sentir-se pouco ou nada acolhidas(os) na universidade; 32,7% afirmaram sentir-se acolhidas(os) e 22,1% sentem-se muito acolhidas(os).

Dentre as pessoas entrevistadas na 21ª Parada LGBT de Belo Horizonte, 56,8% já **sofreram** algum tipo de violência na escola motivada pela identidade de gênero ou orientação sexual. Por sua vez, 59,7% alegam terem **presenciado** violência neste espaço perpetrada pelos mesmos motivos.

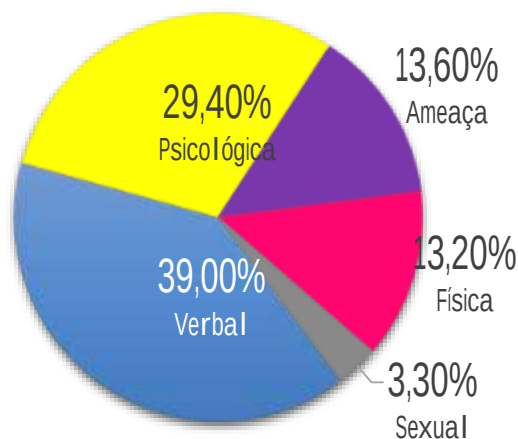
Violência na escola 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

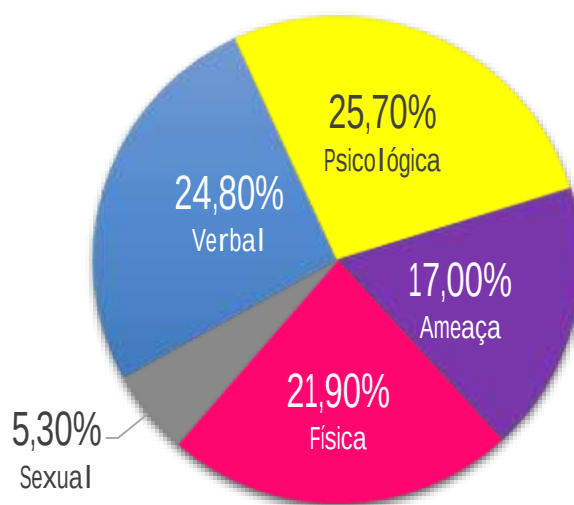
O tipo de violência mais sofrido no ambiente escolar, de modo geral, é a verbal, com 39% de respostas; seguido da psicológica (29,4%), ameaça (13,6%), física (13,2%) e sexual (3,3%). Já em relação aos tipos de violência presenciados na escola, os números se alteram: 25,7% presenciaram violência psicológica; 24,8% verbal; 21,9% física; 17% ameaça; e 5,3% violência sexual.

Violência Sofrida na Escola 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

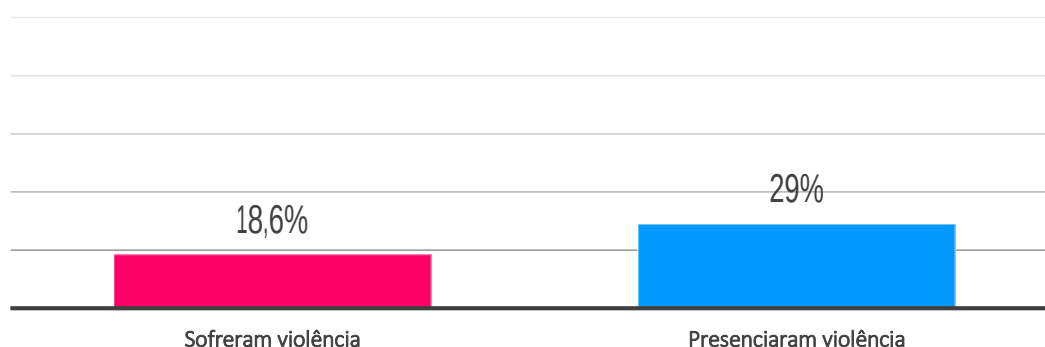
Violência presenciada na Escola 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

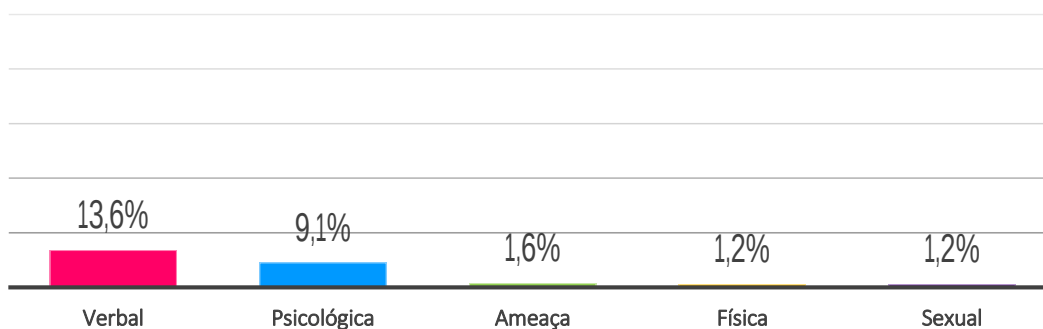
Na universidade, 18,6% das(os) participantes responderam já ter sofrido atos de violência em decorrência do preconceito e da discriminação de gênero e sexualidade. Enquanto 29% afirmam terem presenciado violência neste espaço pelos mesmos motivos. Entre as violências sofridas, a verbal obteve mais respostas, com 13,6%, seguida da psicológica (9,1%); ameaça (1,6%); física (1,2%); e sexual (1,2%). Já nas violências presenciadas, a verbal obteve 20,7% das respostas; a psicológica 16,1%; ameaça 4,9%; física 4,9% e sexual 2%.

violência na universidade 2018



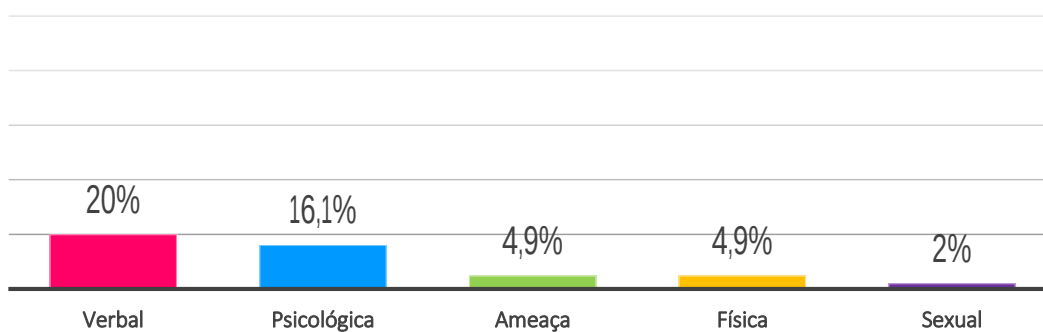
Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

violência sofrida na universidade 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

violência PRESENCIADA na universidade 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

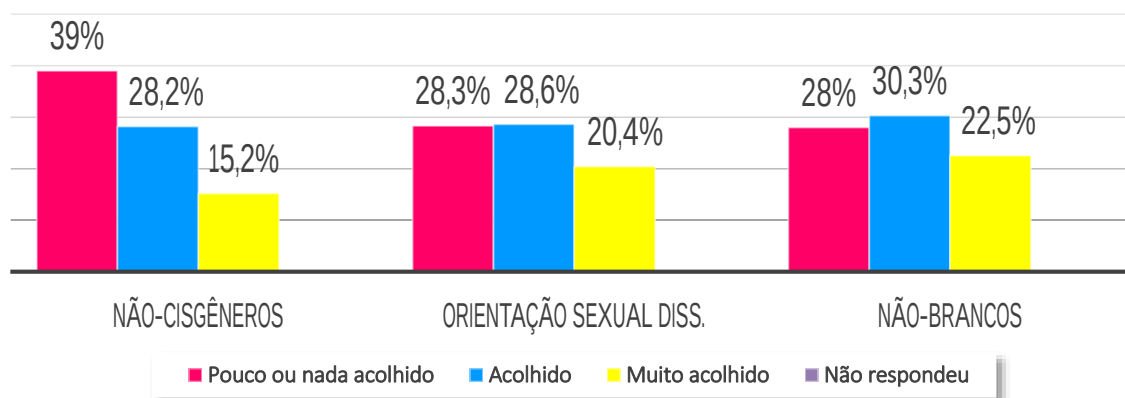
TRABALHO

A maioria das pessoas entrevistadas no evento (28,2%), ao serem questionadas sobre sua ocupação atual, responderam ser estudantes. Por sua vez, 26,1% são assalariadas(os) com carteira assinada; 12,2% estão desempregadas(os); 6,7% trabalham por conta própria regular; 5,3% são profissionais liberais; 5,1% são assalariadas(os) sem carteira assinada e 3,9% são funcionárias(os) públicos. Ainda nessa mesma questão, 2,3% fazem estágio remunerado; 2,3% trabalham por conta própria temporária; 0,7% são do lar; 0,2% estão em situação de prostituição e 0,2% são aposentadas(os). Das(os) participantes da pesquisa, 3,6% disseram outros tipos de ocupação e 2,5% não responderam à pergunta.

Um dos pontos de destaque na pesquisa realizada foi o levantamento de dados sobre a discriminação e o acesso ao mercado de trabalho das pessoas LGBT. É importante salientar que essa dimensão se articula para além dos marcadores de gênero e sexualidade, sofrendo influência também pela classe, raça e escolaridade.

Ao serem questionados a respeito da sua relação com o trabalho, 39% das travestis, transexuais, não binários e intersexos disseram se sentir pouco ou nada acolhidas(os) no ambiente de trabalho, enquanto 15,2% afirmaram se sentir muito acolhidas(os) e 28,2% sentem-se acolhidas(os). Já entre as lésbicas, bissexuais, gays, pansexuais e assexuais, 28,3% responderam sentir-se pouco ou nada acolhidas(os) no trabalho; 28,6% sentem-se acolhidas(os) e 20,4% disseram se sentir muito acolhidas(os). Entre as pessoas negras, amarelas e indígenas, 28% respondeu sentir-se pouco ou nada acolhidas(os); 30,3% sentem-se acolhidas(os) e 22,5% disseram se sentir muito acolhidas(os).

ACOLHIMENTO NO TRABALHO 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

No tocante à violência motivada pela discriminação à sua identidade de gênero ou orientação sexual, 21,7% das(os) entrevistadas(os) travestis, transexuais, não binários e intersexos relatam já terem sofrido alguma vez em ambiente de trabalho. E 17,3% afirmam já terem presenciado violências pelo mesmo motivo neste espaço. Já 14,7% de lésbicas, bissexuais, gays, pansexuais e assexuais, quando perguntados sobre o mesmo assunto, disseram já ter sofrido ou presenciado algum tipo de violência no trabalho.

VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA

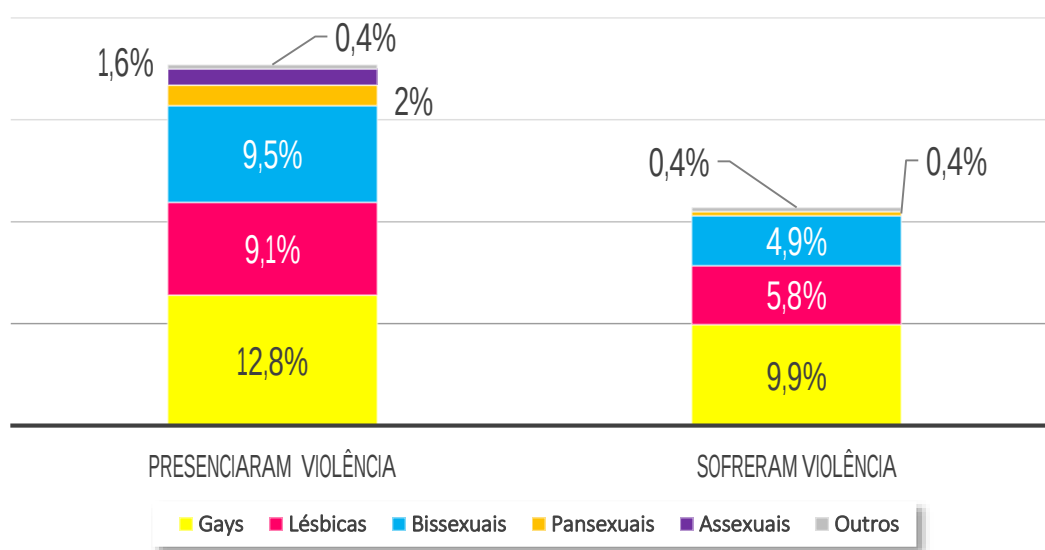
Violência presenciada

O governo e a polícia são importantes para constituição de uma boa segurança pública para todos cidadãos, afinal enquanto o primeiro é responsável por políticas públicas, o segundo é responsável por manter a segurança da população. Entretanto, “muitas formas de violência vêm sendo apontadas envolvendo (...) a polícia” (BRASIL, 2008, p. 17).

A partir dessa prerrogativa tornou-se importante analisar e verificar se algum participante da 21ª Parada já sofreu ou presenciou algum tipo de violência pela polícia em decorrência da sua identidade de gênero ou orientação sexual. Como resultado, 27,8% das(os) participantes responderam que já **sofreram** algum tipo de violência pela polícia. Desse montante, 37,3% são gays; 29,8% são bissexuais; 20,8% são lésbicas; 2,9% são assexuais; 1,4% são pansexuais e 1,4% são outros (fluido).

Já 37,3% das(os) entrevistadas(os) disseram que haviam **presenciado** algum tipo de violência policial pelos mesmos motivos. Desses, 34,4% são gays; 24,4% são bissexuais; 24,4% são lésbicas; 2,2% são pansexuais; 1,1% são assexuais e 1,1% são outros (fluido).

violência pela polícia 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Acionamento da polícia

Ao serem questionadas(os) se “já precisaram acionar a polícia, para a sua segurança ou de outra pessoa, devido a discriminação, intolerância a identidade de gênero ou orientação sexual”, 80,8% alegam não ter sido necessário recorrer à polícia; 15,5% já precisaram; 2,3% não quiseram denunciar e 1,1% não responderam.

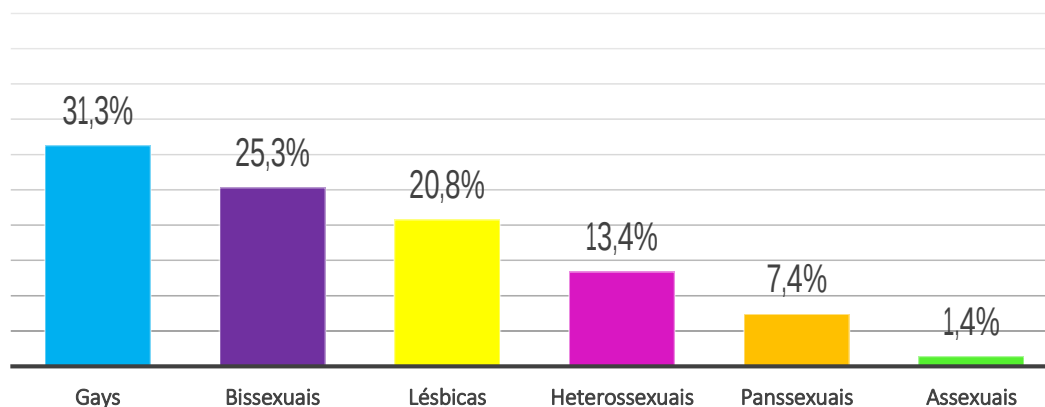
ACIONAMENTO DA POLÍCIA 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Ao analisar as(os) participantes que afirmaram ter acionado a polícia diante das situações mencionadas acima; 31,3% são gays; 25,3% são bissexuais; 20,8% são lésbicas; 13,4% são heterossexuais; 7,4% são pansexuais e 1,4% são assexuais.

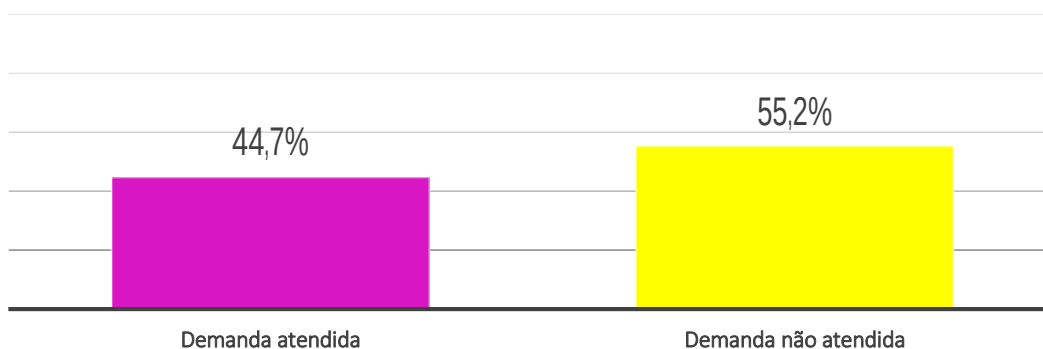
quem precisou acionar a polícia 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

No tocante ao que se refere a aquelas(es) que acionaram a polícia mediante uma situação de discriminação de gênero ou orientação sexual, cerca de 55,2% não tiveram a sua demanda atendida, enquanto 44,7% responderam que sua demanda foi atendida. Por sua vez, 7,4% das(os) participantes responderam não saber se sua demanda foi ou não atendida corretamente.

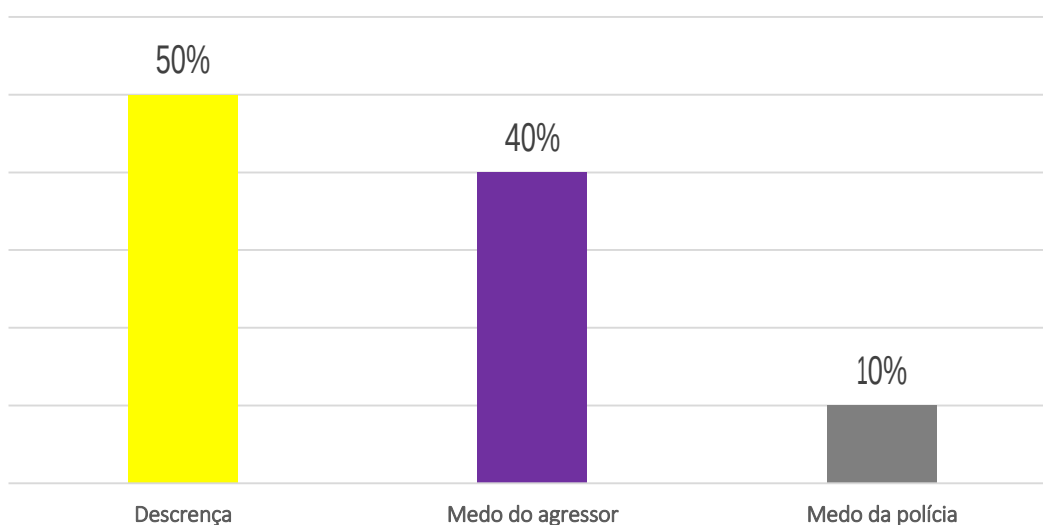
demanda foi atendida? 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Dentre aquelas(es) que não quiseram denunciar à polícia, 50% afirmaram possuir “descrença na polícia”; 40% disseram que não chamaram a polícia por medo do agressor; 10% não o fez por ter medo da polícia e 0,05% não o fez por desconhecimento do serviço.

motivos para não denunciar 2018

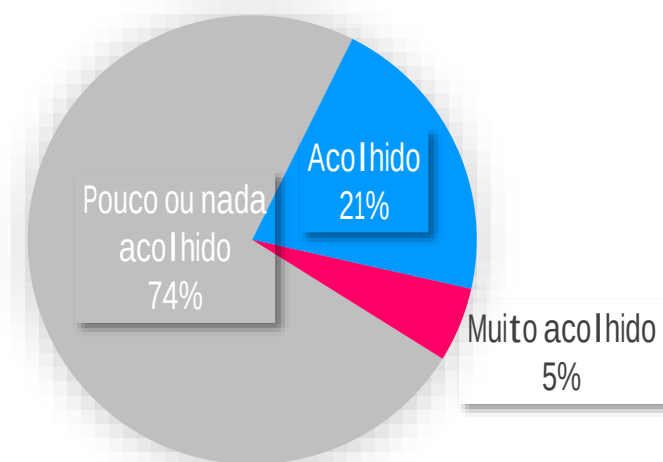


Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Acolhimento polícia e governo

Com relação ao acolhimento da polícia, 69,8% das entrevistadas(os) disseram se sentir pouco ou nada acolhidas(os). Já a porcentagem referente àquelas(es) que se sentiram acolhidas(os) é de 20,1% e apenas 5,1% se sentiram muito acolhidas(os). No total, 1,8% das(os) participantes deixaram a pergunta em branco e 0,5% não quiseram responder.

Acolhimento polícia 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Ao fazer a análise em relação a como os participantes se sentem perante o governo, 80,3% afirmaram se sentir pouco ou nada acolhidas(os). Desses, 40,2% são gays; 22,4% são bissexuais e 19,5% são lésbicas, contrastando com 12% heterossexuais. Pansexuais são 3,1%; assexuais são 0,8% e outros (fluido) são 0,2%.

Poucas(os) responderam se sentir muito acolhidas(os) pelo governo, representando 2,8% das respostas e 13,2% afirmaram se sentir acolhidas(os). Já 1,4% deixaram a questão em branco e 2,1% não responderam. A partir desses dados pode-se concluir que a grande maioria não se sente acolhida pela polícia e pelo governo.

BLOCO TRANS E TRAVESTI

Este bloco se dedica a analisar e expor, com cuidado e sensibilidade, os dados levantados sobre a população transexual e travesti na 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte e suas particularidades. Por fim, acrescenta-se que não houveram grandes mudanças em relação aos números obtidos na edição anterior do relatório.

Saúde

A portaria nº 1.820 do Ministério da Saúde garantiu o uso do nome social nos atendimentos realizados no Sistema Único de Saúde (SUS) a todas as pessoas transexuais e travestis. Em decisão recente, o Supremo Tribunal Federal autorizou a mudança de nome e de sexo das pessoas *trans* no registro civil sem que elas precisassem se submeter a cirurgia de redesignação sexual ou decisão judicial. Contudo, 36,4% das pessoas entrevistadas responderam que não utilizam esse direito quando atendidas pelas SUS, enquanto 31,8% disseram que usam o nome social nessas situações e 31,8% não quiseram responder a pergunta.

Os motivos mais apontados pela não utilização do nome social no Sistema Único de Saúde foram o medo de discriminação e constrangimento, que totalizou 9,1% das respostas e a não necessidade do uso deste direito, também com 9,1%, seguidas do desconhecimento acerca do tema, que somou 9%. A falta de apoio e reconhecimento da família e vontade de trocar o registro civil, tiveram 4,5% das respostas cada uma.

Entre as(os) transexuais e travestis que responderam utilizar o nome social, a maioria (67%) afirmou que isso já lhes proporcionou algum constrangimento ou desconforto nos atendimentos médicos, enquanto 33% responderam o contrário.

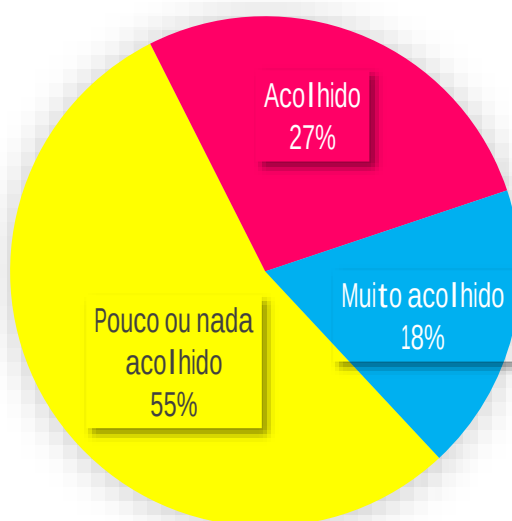
Com relação a utilização de hormônios, 26,7% das pessoas transexuais e travestis entrevistadas nunca fez uso; 22,7% declarou fazer uso; 9,1% já fez uso e parou; e 40,9% não quiseram responder a pergunta. A aplicação hormonal das pessoas que responderam fazer uso de hormônios, se dá, em sua maioria, pela auto-aplicação, com 50% das respostas; seguida acompanhamento em clínicas particulares (37,5%); e 12,5% não responderam.

Quando perguntadas(os) sobre o motivo que lhes levaram a suspender o uso da aplicação hormonal, metade das entrevistadas (50%) disseram que foi devido

aos efeitos adversos do tratamento e a outra metade (50%) respondeu que foi por problemas médicos.

Em relação ao acolhimento em postos de saúde e hospitais, 54,5% das pessoas transexuais e travestis entrevistadas disseram se sentir pouco ou nada acolhidas, enquanto 27,3% afirmaram sentir-se acolhidas e 18,2 %afirmaram que se sentem muito acolhidas nesses ambientes.

Acolhimento trans na Saúde 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Por fim, a maioria das(os) participantes entrevistadas(os), correspondente a 45,4%, afirmou ter já ter sofrido algum tipo de violência em postos de saúde e hospitais motivados pela sua identidade de gênero (transfobia).

Violência na Saúde 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

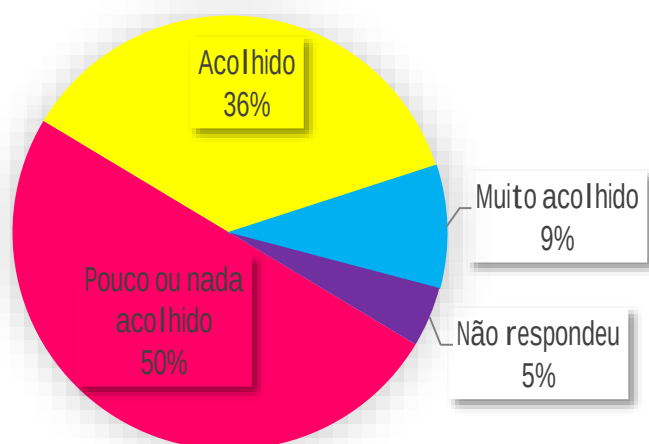
O tratamento igualitário na saúde de transexuais e travestis e a ampliação de seu acesso aos serviços de saúde perpassam o respeito ao nome social e o enfrentamento ao preconceito. Devido aos desafios enfrentados pelas pessoas transexuais e travestis no sistema de saúde, o Ministério da Saúde veiculou, em 2016, uma campanha sobre saúde trans⁵, com o objetivo de orientar e conscientizar os profissionais da área acerca das demandas específicas dessa população. Contudo, ainda há muito a ser feito e percorrido na luta pela igualdade e respeito de transexuais e travestis na saúde.

Educação

Quando perguntadas sobre a sua relação com a escola, 50% dessas pessoas entrevistadas responderam se sentir pouco ou nada acolhidas no ambiente escolar, enquanto 36,4% afirmaram sentir-se acolhidas, 9,1% disseram que sentem-se muito acolhidas e 4,5% não responderam. Estes números refletem que a exclusão social de pessoas transexuais e travestis é perceptível também no campo da educação. No entanto, no âmbito universitário, 22,7% das(os) participantes desse grupo disseram sentir-se pouco ou nada acolhidas(os) na universidade; 18,2% afirmaram sentir-se acolhidas(os); 18,2% responderam se sentir muito acolhidas(os) e 40,9% não responderam a questão.

⁵ Campanha “Cuidar bem da saúde de todos. Faz bem para o Brasil”, veiculada pelo Ministério da Saúde em 2016.

Acolhimento trans na Escola 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

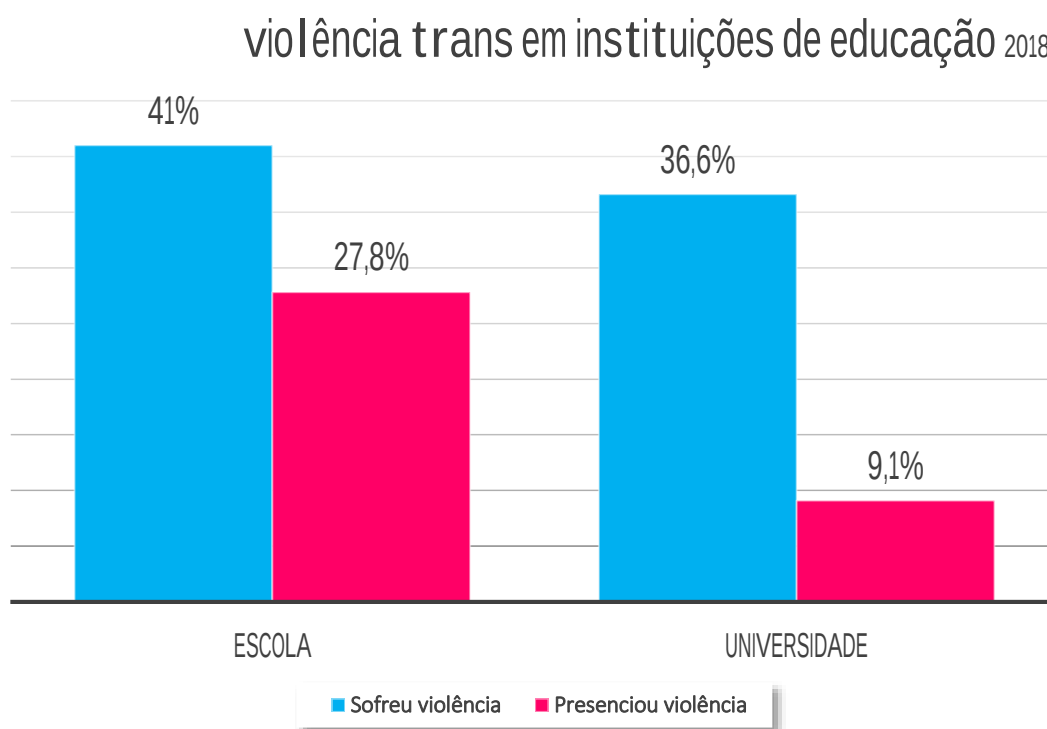
Acolhimento trans na universidade 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

A respeito da violência sofrida no ambiente escolar, em decorrência de sua identidade de gênero (transfobia), 41% das pessoas entrevistadas afirmaram terem sido vítimas de algo atitudinalmente violento ou desrespeitoso, enquanto apenas 27,8% disseram ter presenciado tais ações. Na universidade, o número

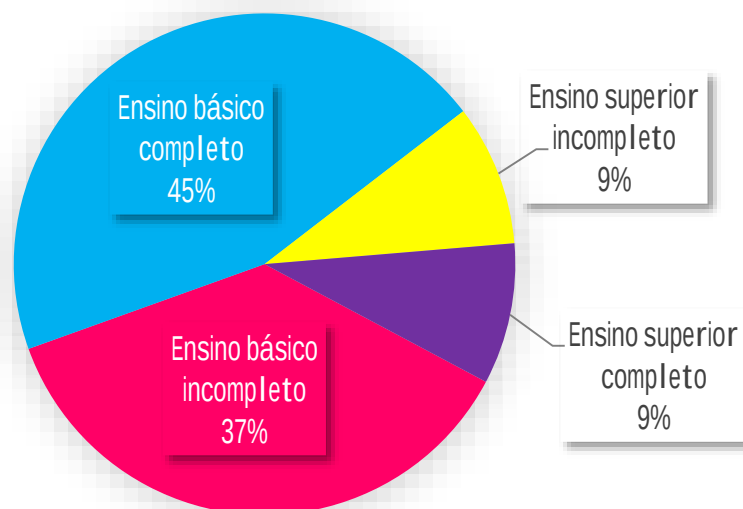
correspondente àquelas pessoas que relataram ser sofrido transfobia é 36,6% e a somatória do total de participantes que disseram presenciado é 9,1%.



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

A maioria das pessoas transexuais e travestis entrevistadas na Parada da capital mineira possui o ensino básico completo, correspondendo a 45% das respostas. Por sua vez, 36,7% dessas(es) participantes possui o ensino básico incompleto, 9,1% possui o ensino superior incompleto e 9,1% têm o ensino superior completo. É importante ressaltar que não há nenhuma transexual ou travesti na pós-graduação, o que demonstra ainda mais o distanciamento dessas pessoas do meio acadêmico e universitário.

Escolaridade trans 2018

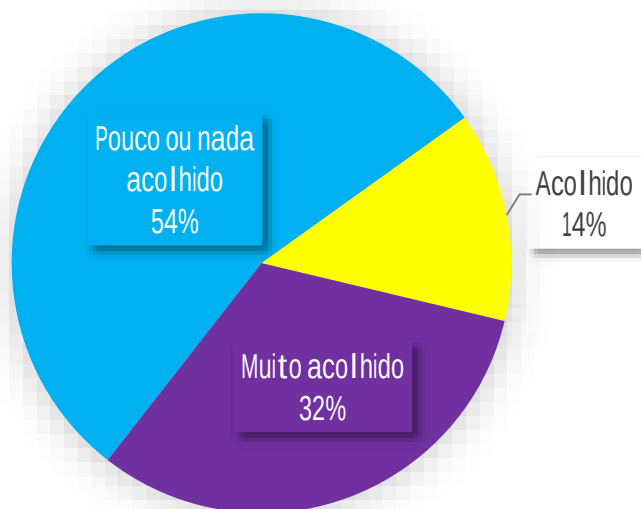


Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Família

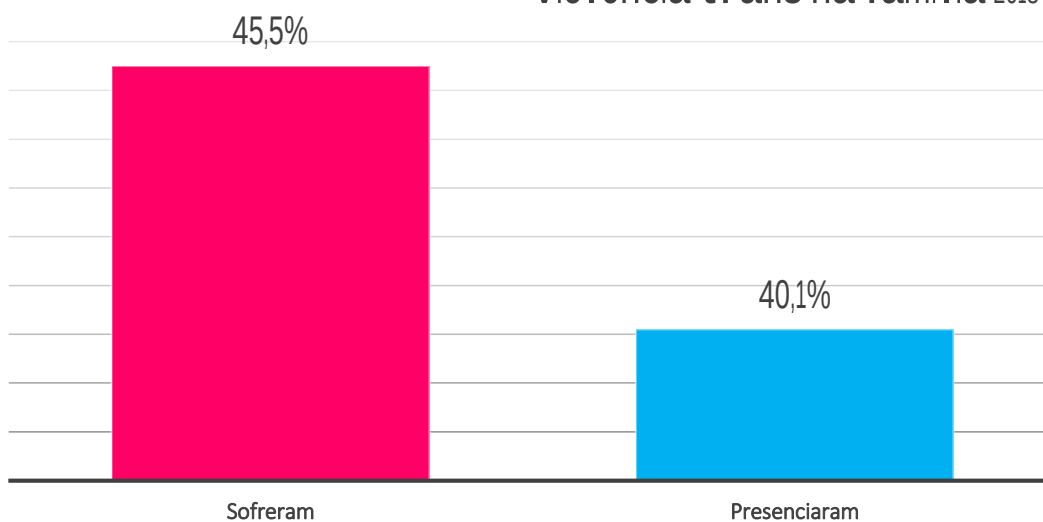
Mais da metade (54,5%) das pessoas transexuais e travestis entrevistadas relataram sentir-se pouco ou nada acolhidas no âmbito familiar, enquanto 31,8% responderam sentir-se muito acolhidas e 13,6% disseram sentir-se acolhidas. A maioria das participantes (40,1%) afirmaram ter presenciado atitudes violentas de familiares e 45,5% relataram ter sofrido algum tipo de violência no âmbito familiar. Entre os tipos de violência sofrido destacam-se a violência física, com 70% das respostas, seguida da verbal (60%); psicológica (40%); e ameaça (20%).

Acolhimento de trans na família 2018



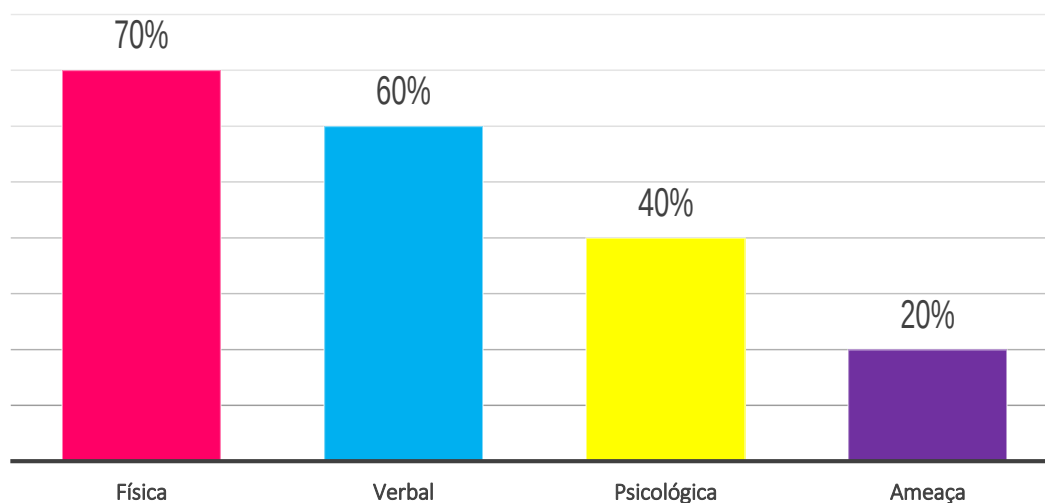
Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

violência trans na família 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

tipos de violências trans em família 2018



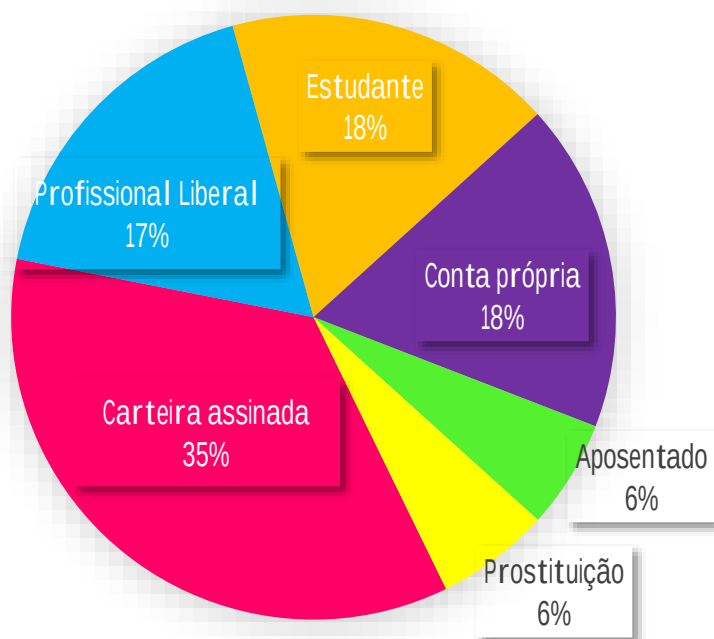
Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Trabalho

O acesso ao mercado de trabalho formal é uma questão muito relevante para pessoas transexuais e travestis, que ainda enfrentam muita dificuldade e preconceito para conseguir um emprego regularizado. Quando perguntadas(os) sobre a sua ocupação atual, a maioria (27,3%) disseram ser assalariados com carteira assinada, seguidas daqueles responderam ser profissionais liberais, estudantes e trabalhar por conta própria regular, com 13,6% das respostas cada. Ainda nesta questão, 9,1% relataram estar desempregadas(os); 9,1% disseram trabalhar por contra própria de forma regular; 4,5% afirmaram serem aposentadas(os) e 4,7% responderam estar em situação de prostituição.

Em âmbito nacional, as estimativas realizadas pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA apontam que 90% das pessoas das pessoas transexuais e travestis encontram-se em situação de prostituição ou informalidade e apenas 10 % trabalham registradas e formalmente.

Empregabilidade trans 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Quanto à violência sofrida no trabalho em decorrência da sua identidade de gênero (transfobia), 22,7% das(os) transexuais e travestis (61,5%) que participaram da pesquisa disseram já terem sido vítimas. O mesmo número de pessoas entrevistadas responderam ter presenciado essas situações no ambiente de trabalho. Já em relação ao grau de acolhimento que essas pessoas sentem no trabalho, 40,9 % disseram se sentir pouco ou nada acolhidas(os), enquanto 31,8% afirmaram se sentir acolhidas(o), 18,2% se sentem muito acolhidas(os), e 9,1 % não quiseram responder essa questão.

Violência e Segurança Pública

Ao serem questionadas(os) sobre a temática de segurança pública, 40,9% das pessoas transexuais e travestis responderam que já precisaram acionar a polícia, para a sua segurança ou de outra pessoa, devido à discriminação à identidade de gênero ou orientação sexual. 54,5% afirmaram que nunca precisaram tomar tal atitude e 4,5% disseram que vivenciaram essa situação, mas não quiseram acionar a polícia.

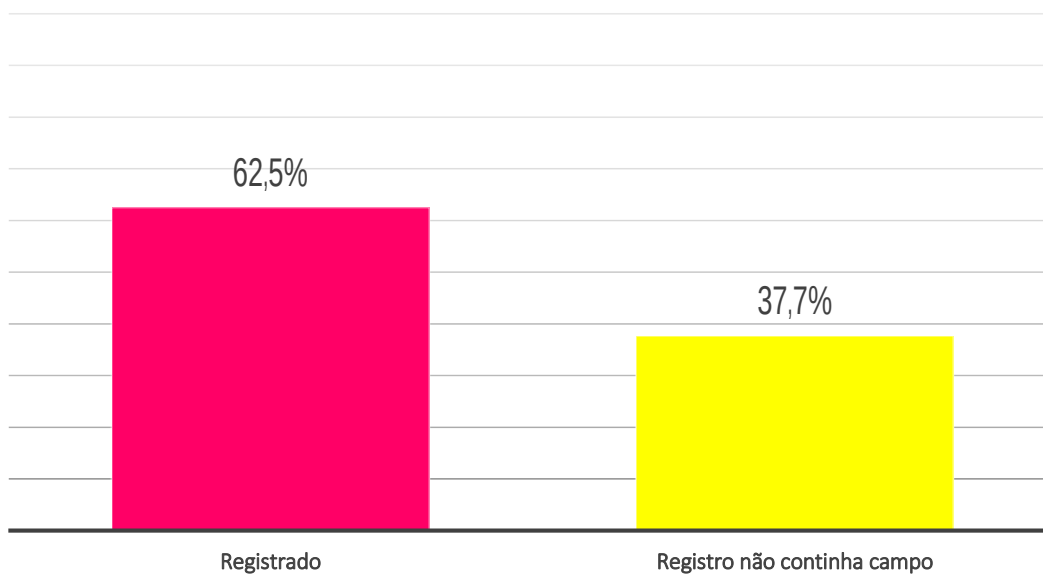
Acionamento trans da polícia 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Entre aquelas(es) que responderam ter recorrido à ajuda policial, apenas 33,3% não se sentiram bem atendidas(os) na sua demanda, enquanto 66,7% disseram ter se sentido bem atendidas. Já em relação ao registro correto da ocorrência, 62,5% disseram que o boletim de ocorrência foi documentado como intolerância à identidade de gênero ou orientação sexual, enquanto 37% responderam o seu registro não continha esses campos relatados.

A VIOLÊNCIA FOI REGISTRADA COMO TRANSFOBIA? 2018

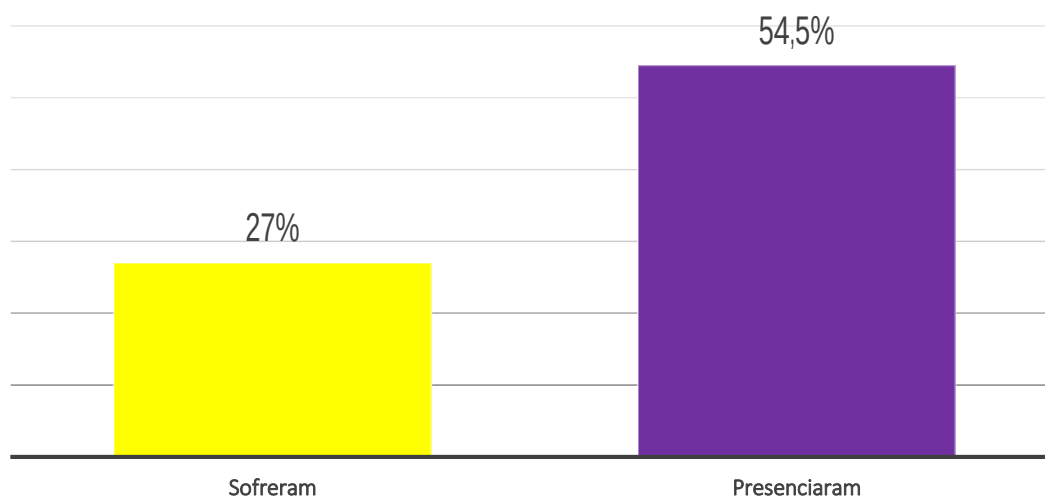


Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Todas as pessoas transexuais e travestis que não quiseram denunciar o preconceito vivenciado disseram que não acionaram a polícia pois possuem descrença na instituição e seus profissionais para a resolução do caso. Estes números refletem o grau de acolhimento que esse grupo sente em relação à polícia: 63,6% diz se sentir pouco ou nada acolhidas(os), enquanto 31,8% afirma se sentir acolhidas(o) e 4,5% disseram sentir-se muito acolhidas(os).

A maioria dessas pessoas entrevistadas (54,5%) disseram já ter presenciado algum tipo de discriminação ou violência realizado pela polícia em decorrência da identidade de gênero ou orientação sexual de outra pessoa. Sobre essa mesma pergunta, 45,5% disseram não haver presenciado tais atitudes. Os números diminuem ao ser abordada a violência sofrida: apenas 27,2% das pessoas transexuais e travestis disseram já ter sofrido algum tipo de violência da polícia motivada pela intolerância à sua identidade de gênero (transfobia) ou orientação sexual.

violência trans na polícia 2018



Fonte: Pesquisa Diverso 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2018

Quando questionadas sobre sua relação com o Governo, os números são ainda mais significativos: 77,3% das pessoas transexuais e travestis sentem-se pouco ou nada acolhidas, apenas 13,6% disseram sentir-se acolhidas, 4,5% afirmaram se sentir muito acolhidas e 4,5% não quiseram responder a questão. 27,7% das pessoas desse grupo entrevistadas no evento relataram já ter sofrido algum tipo de violência por parte do Governo (instituições e pessoas que as representam) causada pela discriminação à sua identidade de gênero ou orientação sexual, enquanto 18,9% presenciaram esse tipo de situação.

A maioria (54,4%) das(os) entrevistadas(os) relataram ter sofrido algum tipo de violência em decorrência da transfobia em vias públicas, enquanto 40,9% disseram apenas ter presenciado tais fatos.

CONCLUSÕES

A 21ª Parada de Orgulho LGBT de Belo Horizonte foi marcada pela diversidade. Em relação ao ano passado, a parada belorizontina cresceu, aumentando seu público e sua visibilidade. Esse ano, a Parada foi considerada o maior evento LGBT de Minas Gerais e o segundo maior do Brasil. O evento reuniu pessoas de diferentes idades, identidades de gênero, raças/cores, orientações sexuais e convicções políticas.

Diante de tantos sujeitos plurais, não podemos encarar esses dados de maneira homogênea. É importante ter em mente a sensibilidade interseccional na análise dos dados coletados e na produção de um relatório crítico, de maneira a reconhecer as interdependências entre as relações de gênero, classe, orientação sexual e raça na produção das singularidades e opressões específicas vivenciadas por cada sujeito LGBT. As informações colhidas no evento refletem as situações de vulnerabilidade e invisibilidade dessa população na nossa sociedade, e reforçam a necessidade urgente da criação e da manutenção de iniciativas públicas que visem a promoção da saúde, da educação, do acesso ao mercado de trabalho, da segurança e do enfrentando a discriminação e preconceito em suas mais variadas formas.

A baixa amostragem de certos grupos da população LGBT e o elevado número de entrevistadas(os) que deixaram questões em branco, se mostrou a maior dificuldade na análise dos dados e na produção do relatório do evento.

O resultado da pesquisa da 21ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, realizada pelo Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero com a ajuda de importantes parceiros (CELLOS/MG, Belotur, e SEDPAC – Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania) constitui uma importante base de dados sobre a população LGBT na capital mineira. Dentre seus objetivos estão: auxiliar futuras análises e iniciativas dirigidas à ampliação da inclusão social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, bem como outras identidades de gênero e expressões de sexualidade, na busca por respeito em uma sociedade mais igualitária, diversa e plural.